

PAUL KENNEDY

ASCENSÃO E QUEDA DAS GRANDES POTÊNCIAS

Transformação Econômica
e Conflito Militar de 1500 a 2000

Tradução
Waltensir Dutra

Prof. Felipe Pereira Loureiro

História das Relações Internacionais II

Aula / Cópias

Editora Campus

FALTOU

ANALISAR

DIVERGÊNCIA

US\$ x ALIADOS DURANTE

DA GUERRA

CANAL ONDE X OILANTA

7

Estabilidade e Mudança em um Mundo Bipolar, 1943-1980

À notícia da entrada dos Estados Unidos na guerra, Winston Churchill manifestou abertamente a sua satisfação — e com boas razões. Como ele mais tarde explicou, “a sorte de Hitler estava selada. A sorte de Mussolini estava tarde. Quanto aos japoneses, seriam transformados em pó. Todo o resto era apenas uma aplicação adequada de uma força esmagadora”. Não obstante, essa confiança deve ter parecido totalmente inoportuna aos espíritos mais cautelosos entre os Aliados, em 1942, e até a primeira metade de 1943. Durante seis meses depois de Pearl Harbor, as forças japonesas varreram o Pacífico e o sudeste da Ásia, sobrepujando os impérios coloniais, cercando a China a partir do sul, e ameaçando a Índia, Austrália e Havaí. Na guerra russo-alemã, a Wehrmacht reiniciou suas ofensivas brutais depois de terminado o inverno de 1941-1942, e lutava para chegar ao Cáucaso; quase que ao mesmo tempo, uma força alemã muito menor, comandada por Rommel na África do Norte, tinha avançado a 90 quilômetros de Alexandria. Os ataques dos submarinos aos comboios aliados mostravam-se mais mortais do que nunca, tendo as maiores perdas de navios mercantes ocorrido na primavera de 1943; e o “contrabloqueio” anglo-americano da economia alemã, por meio de bombardeios estratégicos, não estava alcançando seus objetivos e provocava sérias baixas entre as tripulações dos aviões. Se o destino das potências do Eixo estava selado depois de dezembro de 1941, havia poucas indicações de que elas se davam conta disso.

“A aplicação adequada de uma força esmagadora”

Não obstante, a suposição básica de Churchill estava certa. A transformação

do conflito de uma guerra europeia numa guerra realmente global pode ter complicado o malabarismo estratégico britânico — como observaram muitos historiadores, a perda de Singapura foi resultado da concentração de aviões e divisões britânicas no teatro de operações do Mediterrâneo² — mas modificou totalmente o equilíbrio geral das forças, quando os novos beligerantes mobilizaram-se adequadamente. Enquanto isso não ocorria, as máquinas de guerra alemã e japonesa ainda podiam continuar as suas conquistas. Quanto mais, porém, estas se estendiam, menos capazes eram de enfrentar as contra-ofensivas que os Aliados estavam preparando.

A primeira dessas reações ocorreu no Pacífico, onde os aviões de Nimitz, baseados em porta-aviões, já tinham contido o avanço japonês sobre o Mar de Coral (maio de 1942) e sobre Midway (junho de 1942), mostrando como o poderio aeronaval seria vital nas grandes amplificações daquele oceano. Em fins do mesmo ano, os soldados japoneses tinham sido expulsos de Guadalcanal e as forças australiano-americanas avançavam na Nova Guiné. Quando a contra-ofensiva no Pacífico central começou, em fins de 1943, as duas poderosas esquadras americanas que cobriam a invasão de Gilberts estavam, também elas, protegidas por quatro forças-tarefas de porta-aviões (12 porta-aviões) com controle esmagador do ar.³ Um desequilíbrio de forças ainda maior tinha permitido às divisões do Império Britânico penetrar as posições alemãs em Al Alamein, em 1942, e fazer Rommel recuar na direção da Tunísia; quando Montgomery ordenou o ataque, tinha seis vezes mais tanques do que seu inimigo, três vezes mais soldados e controle quase total do ar. No mês que se seguiu, o exército anglo-americano de Eisenhower, com 100 mil homens, desembarcava na África do Norte francesa para começar um “movimento de pinças”, a partir do oeste, contra as forças germano-italianas, que culminaria na rendição em massa destas, em maio de 1943.⁴ Também àquela época, Doenitz tinha sido obrigado a retirar as matilhas de submarinos do Atlântico Norte, onde sofreram perdas muito pesadas contra comboios aliados, agora protegidos pelos Liberators de alcance muito longo, porta-aviões de escolta para operações aeronavais combinadas contra os submarinos, equipados com o que havia de mais moderno em radar e bombas de profundidade — e alertados pela decifração dos códigos secretos alemães, que permitia conhecer o movimento dos submarinos.⁵ E se seria necessário mais tempo para que os Aliados conseguissem o “controle do ar” sobre a Europa, para complementar seu controle do mar, a solução estava sendo desenvolvida rapidamente na forma do caca Mustang de longo alcance, que acompanhou pela primeira vez as frotas de bombardeiros da Força Aérea Americana em dezembro de 1943. Dentro de alguns meses mais, a capacidade da Luftwaffe de defender o espaço aéreo sobre os soldados, fábricas e população civil do Terceiro Reich seria destruída sem possibilidade de recuperação.⁶

Ainda mais pressa para o alto comando da Wehrmacht foi a mudança do equilíbrio de forças na frente oriental. Já em agosto de 1941, quando muitos observadores achavam que a Rússia estava em vias de ser liquidada como grande potência, o general Halder registrava seu pessimismo no diário do Estado-Maior:

Supúnhamos ter o inimigo 200 divisões. Até agora, contamos 360... não estão

armadas e equipadas à altura dos nossos padrões, e sua liderança táctica é, com frequência, ruim... mas se esmagamos 12 delas, os russos simplesmente as substituem por outras 12... O tempo... é favorável a eles, por estarem perto de seus recursos, enquanto nós nos afatamos cada vez mais dos nossos.⁷

Nesse tipo de luta de massas, desordenada, brutalizada, o número de baixas estava tomando modestos até mesmo os totais da Primeira Guerra Mundial. Nos cinco primeiros meses de campanha, os alemães algavam ter matado, ferido ou capturado bem mais de 3 milhões de russos.⁸ Não obstante, naquele exato momento, quando Stalin e o Stavka planejavam a primeira contra-ofensiva em Moscou, o Exército Vermelho ainda tinha 4,2 milhões de homens em seus exércitos combatentes, e era numericamente superior em tanques e aviões.⁹ Na verdade, ele não podia comparar-se à capacidade profissional dos alemães, em terra ou no ar — ainda em 1944, os russos perdiam cinco ou seis homens para cada soldado alemão abatido¹⁰ — e quando o terrível inverno de 1941-1942 terminou, a máquina de guerra de Hitler pôde recomençar sua ofensiva, desta vez contra Stalingrado, e depois, o desastre. Depois de Stalingrado, no verão de 1943, a Wehrmacht tentou novamente, reunindo suas forças blindadas para produzir o fantástico total de 17 divisões panzer para cercar Kursk. Mas no que seria, de longe, a maior batalha de tanques da Segunda Guerra Mundial, o Exército Vermelho contava com 34 divisões blindadas, cerca de 4 mil veículos, em comparação com os 2.700 da Alemanha. Embora o número de tanques tivesse sido reduzido à metade numa semana, eles tinham antes destruído a maior parte da Panzerarmee de Hitler, e estavam agora prontos para a infatigável contra-ofensiva em direção a Berlim. Aquela altura, a notícia do desembarque aliado na Itália deu a Hitler a desculpa para abandonar o que tinha sido um desastre total, bem como confirmou as proporções em que os adversários do Reich estavam fechando o cerco.¹¹

Foi tudo isso, então, apenas a “aplicação adequada de uma força esmagadora”? Evidentemente, o poderio econômico não foi nunca a única influência sobre a eficiência militar, mesmo na guerra mecanizada, total, de 1939-1945; a economia, parafraseando Clausewitz, estava mais ou menos na mesma relação para com o combate que a habilidade do espadachim está para a arte da esgrima. E houve demasiados exemplos de onde as lideranças alemã e japonesa cometeram sérios erros políticos e estratégicos depois de 1941 que lhes custariam caro. No caso alemão, isso foi desde as decisões de escala relativamente pequena, como mandar grandes reforços para a África do Norte em princípios de 1943, a tempo apenas de que fossem aprisionados, até o tratamento espantosamente estúpido e criminoso dos ucranianos e de outras minorias não-russas na U.R.S.S., que se sentiram felizes em sair do jugo stalinista, até que as atrocidades nazistas as fizeram recuar. Foi desde a arrogância de supor que o código Enigma jamais poderia ser decifrado, até o preconceito ideológico contra o uso de mulheres nas fábricas de munições, ao passo que todos os inimigos da Alemanha exploravam essa reserva de mão-de-obra largamente inaproveitada. E a situação agravou-se com as rivalidades nos escalões superiores do próprio exército, que o tornaram incapaz de resistir à necessidade maníaca que tinha Hitler de ofensivas ambiciosas demais, como

dezembro de 1941, teria sido prejudicial ao esforço de guerra da Rússia (e ao regime de Stalin); mas teria a população da U.R.S.S. deixado de resistir, nessas circunstâncias, quando só podia esperar o extermínio — e quando ainda dispunha de grandes reservas produtivas e militares, a milhares de quilômetros ao leste? Apesar dos prejuízos econômicos provocados pela Operação Barbarossa — queda de 57% na produção de carvão, 68% na de ferro-gusa e assim por diante¹⁶ — vale a pena notar que a Rússia produziu 4 mil aviões mais do que a Alemanha em 1941 e 10 mil mais em 1942, e isso apenas para uma frente de luta, ao contrário da Alemanha, que tinha três.¹⁷ Levando-se em conta a sua crescente superioridade em homens, tanques, artilharia e aviões, no segundo ano da guerra o Exército Vermelho podia, na realidade, sofrer perdas na proporção de cinco ou seis por um (embora a um custo apavorante para seus soldados), e ainda continuar avançando contra os alemães que se enfraqueciam. Em início de 1945, só nas frentes da Bielo-Rússia e Ucrânia, "a superioridade soviética era absoluta e terrível, cinco vezes em blindados, mais de sete vezes na artilharia e 17 vezes a força alemã no ar."¹⁸

Como as forças anglo-americanas na França, poucos meses antes, desfrutaram de uma "superioridade efetiva de 20 para 1 em tanques, e 25 para 1 em aviões",¹⁹ o fato surpreendente é que os alemães tenham resistido tão bem por tanto tempo. Mesmo ao término de 1944, como em setembro de 1918, ainda ocupavam territórios muito maiores do que os limites do Reich ao início da guerra. A essa questão os historiadores militares dão uma resposta praticamente unânime: a doutrina operacional alemã, enfatizando a flexibilidade e as decisões descentralizadas, a nível de *campo de batalha*, foram muito superiores à tática cautelosa e bem planejada dos ingleses, aos sangrentos ataques frontais dos russos e aos avanços entusiastas mas nada profissionais dos americanos; ao fato de que a experiência alemã no uso de "forças combinadas" era a melhor de todas, e que o calibre e o treinamento dos oficiais e dos suboficiais era extraordinariamente elevado, mesmo no último ano de guerra.

Mas nossa admiração, hoje, pelo desempenho operacional alemão — que parece estar aumentando de livro a livro, não deve obscurecer o fato óbvio de que Berlim, como Tóquio, tinha estendido demais as suas linhas. Em novembro de 1943 o general Jodl calculava que 3,9 milhões de alemães (juntos com apenas 283 mil soldados dos aliados do Eixo) estavam tentando conter 5,5 milhões de russos na frente oriental. Mais 177 mil soldados alemães estavam na Finlândia, e 486 mil na Noruega e Dinamarca. Havia 1.370 mil soldados de ocupação na França e Bélgica. "Outros 612 mil homens estavam retidos nos Bálcãs, e havia 412 mil na Itália... Os exércitos de Hitler estavam espalhados por toda a Europa, em inferioridade numérica e equipamentos em todas as frentes."²⁰ O mesmo se poderia dizer das divisões japonesas, distribuídas de maneira tênue pelo Extremo Oriente, desde a Birmânia até as ilhas Aleutas.

Mesmo nas campanhas que aparentemente "mudaram o curso da guerra", podemos indagar se uma vitória do Eixo, em lugar de uma vitória aliada, não serviria apenas para adiar o resultado final. Se, digamos, Nimitz tivesse perdido mais de um porta-aviões em Midway, eles teriam sido distribuídos, naquele mesmo ano, por três outros, três porta-aviões leves, e

mais 15 de escolta; em 1943, por cinco porta-aviões de grande porte, seis leves e 25 de escolta; e em 1944, por nove porta-aviões de grande porte, e 35 de escolta.²² Da mesma forma, nos anos críticos da Batalha do Atlântico, os Aliados perderam 8,3 milhões de toneladas de navios em 1942, e 4 milhões de toneladas em 1943, mas esses terríveis totais foram compensados por lançamentos de 7 milhões e 9 milhões de toneladas de novos navios mercantes, respectivamente. Isso se deveu principalmente à fantástica explosão da produção dos estaleiros americanos, que em meados de 1942 já estavam lançando mais navios do que os submarinos alemães podiam afundar — levando uma notável autoridade a concluir: "Na Segunda Guerra Mundial, a campanha dos submarinos alemães pode ter adiado, mas não afetou o resultado."²³ Em terra, também — e a Segunda Guerra Mundial na Europa foi predominantemente uma guerra de artilheiros e de tripulações de tanques — a produção alemã de peças de artilharia, canhões automotivados e tanques foi consideravelmente menor do que a da Rússia, para não falarmos dos totais aliados conjuntos (ver Quadro 33).

Quadro 33. Produção de tanques em 1944²⁴

Alemanha	17.800
Rússia	29.000
Grã-Bretanha	5.000
Estados Unidos	17.500 (em 1943, 29.500)

Mas a estatística mais reveladora entre todas relaciona-se com a produção de aviões (Quadro 34), pois todos podiam ver que sem os domínios dos ares era impossível a exércitos e armadas operar com eficiência; com o domínio dos ares, não só se podiam realizar campanhas vitoriosas, como também desfechar pesados golpes contra a economia de guerra do inimigo.

Além disso, tais números não revelam o fato de que os totais anglo-americanos incluem também um grande número de pesados bombardeiros de quatro motores, de modo que a superioridade aliada é ainda mais acentuada quando o número de motores, ou o peso estrutural dos aviões são comparados

Quadro 34. Produção de Aviões das Potências, 1939-1945²⁵

	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945
Estados Unidos	5.856	12.804	26.277	47.836	85.898	96.318	49.761
U.R.S.S.	10.382	10.565	15.735	25.436	34.900	40.300	20.900
Grã-Bretanha	7.940	15.049	20.094	23.672	26.263	26.461	12.070
Comunidade Britânica	250	1.100	2.600	4.575	4700	4575	2.075
TOTAL ALIADOS	24.178	39.518	64.706	101.519	151.761	167.654	84.806
Alemanha	8.295	10.247	11.776	15.409	24.807	39.807	7.540
Japão	4.467	4.768	5.088	8.861	16.693	28.180	11.066
Itália	1.800	1.800	2.400	2.400	1.600	—	—
TOTAL EIXO	14.562	16.815	19.264	26.670	43.100	67.987	18.606

com os totais do Eixo.²⁶ Foi essa a razão fundamental pela qual, apesar dos extraordinários esforços dos alemães para conservar o domínio do ar,²⁷ suas cidades, fábricas e linhas ferroviárias foram cada vez mais devastadas — como o foi, e ainda mais, o território quase que totalmente desprotegido do Japão. Foi também essa a razão pela qual os submarinos de Doenitz tiveram de ficar abaixo da superfície; o Exército Birmânês de Slim pôde reforçar Imphal; os porta-aviões americanos puderam lançar repetidos ataques às bases japonesas por todo o Pacífico ocidental, e os soldados aliados, sempre que contidos por uma obstinada defesa alemã, puderam pedir aviões para arrasar o inimigo e colocar a ofensiva novamente em marcha. No próprio Dia-D (6 de junho de 1944), vale a pena notar que os alemães podiam reunir 319 aviões contra os 12.837 aliados no oeste. Invertendo a frase de Clausewitz, a arte da esgrima (como a arte da guerra) realmente exigia conhecimento e experiência, mas isso de pouco serviria ao combatente se ficasse sem espadas. Na batalha dos armeiros, os Aliados estavam vencendo claramente.

Pois o fato simples era que, mesmo depois da expansão dos impérios alemão e japonês, as forças produtivas e econômicas de cada lado eram *mais desproporcionais* do que na Primeira Guerra Mundial. De acordo com estimativas grosseiras que já vimos,²⁸ a Grande Alemanha de 1938 tinha uma parcela da produção manufatureira do mundo e um “potencial de guerra relativo” que eram ambos mais ou menos iguais aos da Grã-Bretanha e França juntas. Era provavelmente inferior aos recursos totais e potencial de guerra dos impérios britânico e francês combinados; mas essas áreas não tinham sido mobilizadas na proporção da Alemanha, quando a guerra foi deflagrada e, como dissemos antes, os Aliados eram menos do que competentes na questão vital dos conhecimentos operacionais. As aquisições territoriais da Alemanha em 1939 e (especialmente) em 1940 colocaram-na decisivamente à frente da potência isolada e um tanto enfraquecida cujo governo Churchill assumiu. O colapso da França e a entrada da Itália na guerra, portanto, deixaram o Império Britânico frente a uma aglomeração de força militar que, em termos de potencial de guerra, era provavelmente duas vezes mais forte: militarmente, o Eixo Berlim-Roma era inatacável por terra, ainda inferior no mar e mais ou menos igual no ar — daí a preferência britânica em lutar antes na África do Norte do que na Europa. O ataque da Alemanha à U.R.S.S. não pareceu, a princípio, modificar esse equilíbrio, entre outras razões pelas pesadas baixas impostas ao Exército Vermelho, agravadas pela perda de territórios e de fábricas soviéticas.

Por outro lado, os acontecimentos decisivos de dezembro de 1941 modificaram totalmente esse equilíbrio: o contra-ataque russo em Moscou mostrou que a cidade não cairia ante a guerra tipo Blitzkrieg; e a entrada do Japão e dos Estados Unidos, no que passou a ser um conflito global, reuniu a “Grande Aliança” de enorme poder de resistência industrial e produtiva. O curso das campanhas militares podia não ser imediatamente afetado, já que a Alemanha estava ainda forte bastante para renovar sua ofensiva na Rússia no verão de 1942, e o Japão gozava dos seus primeiros seis meses de vitórias fáceis contra as forças despreparadas dos Estados Unidos, dos holandeses e do Império Britânico. Mas nem tudo isso podia fazer esquecer o fato de que os Aliados tinham *duas* vezes mais o poder industrial (usando os deformados

números de 1938, que reduzem a participação dos Estados Unidos), *três* vezes o “potencial de guerra” e *três* vezes a renda nacional das potências do Eixo, mesmo se somarmos as parcelas da França ao total da Alemanha.²⁹ Em 1942 e 1943, esses números sobre o poderio *potencial* eram trocados pela moeda forte dos aviões, canhões, tanques e navios; na verdade, em 1943-1944, os Estados Unidos sozinhos produziam um navio por dia e um avião a cada cinco minutos! E o que é mais, os Aliados estavam produzindo muitos *tipos* novos de armas (superfortalezas, Mustangs, porta-aviões leves), ao passo que as potências do Eixo só podiam fabricar armas avançadas (caças a jato, submarinos tipo 23) em quantidades relativamente pequenas.

A melhor medida dessa decisiva inclinação da balança nos é dada pelos números de *Waffenfabrik* para os totais da produção de armamentos dos principais combatentes (ver Quadro 35).

Quadro 35. Produção de armamentos das potências, 1940-1943³⁰
(em bilhões de dólares de 1944)

	1940	1941	1943
Grã-Bretanha	3,5	6,5	11,1
U.R.S.S.	(5,0)	8,5	13,9
Estados Unidos	(1,5)	4,5	37,5
Total de <i>combatentes</i> aliados	3,5	19,5	62,5
Alemanha	6,0	6,0	13,8
Japão	(1,0)	2,0	4,5
Itália	0,75	1,0	—
Total de <i>combatentes</i> do Eixo	6,75	9,0	18,3

Assim, em 1940 a produção britânica de armamentos estava significativamente atrás da alemã, mas ainda assim crescia rapidamente, de modo que no ano seguinte tornava-se ligeiramente superior — o último ano no qual a economia alemã funcionou com relativa tranquilidade. O duplo choque militar de Stalingrado e África do Norte e a ascensão de *Speer* ao ministério da Economia levaram a um enorme aumento na produção alemã de armas em 1943;³¹ também o Japão mais do que duplicou a sua produção. Mesmo assim, o aumento nas produções britânica e soviética combinadas naqueles dois anos igualou o crescimento na produção do Eixo (G.-B./U.R.S.S., aumento de 10 bilhões de dólares, 1941-1943; cf. Eixo, 9,8 bilhões de aumento), e manteve a sua superioridade na produção total de armamentos. A mudança mais surpreendente, porém, ocorreu com o aumento de *mais de oito vezes* na produção americana de armas entre 1941 e 1943, o que significou que nesse último ano o total aliado foi de mais de três vezes o de seus inimigos — tornando com isso realidade o desequilíbrio em “potencial de guerra” e renda nacional que existira embrionariamente desde o início. Por melhor que a Wehrmacht montasse seus contra-ataques táticos nas frentes ocidental e oriental, e até quase os últimos meses da guerra, ela acabaria sendo esmagada pela simples massa da potência de fogo aliado. Em 1945, os milhares de bombardeiros anglo-americanos que martelavam o Reich diariamente e as

2 Q ALIADOS
ENCIAM
IA PRODUÇÃO
DE ARMAS?

FORÇAS
ECONÔMICAS
DES PROPORCIONALMENTE

LO INÍCIO,
ILE
FEDOMINAVA

QUANDO
GUERRA
FICOU GLOBAL,
PORÉM...

centenas de divisões do Exército Vermelho prontas a avançar sobre Berlim e Viena constituíam, todos, manifestações diferentes do mesmo fato. Mais uma vez, numa demorada guerra de coalizão, em grande escala, os países com a bolsa mais funda acabavam vencendo.

Isso também ocorria com o colapso do Japão na guerra do Pacífico. É evidente, hoje, que o lançamento das bombas atômicas em 1945 foram um marco na história militar do mundo, marco esse que lançou dúvidas sobre a viabilidade da humanidade, se uma guerra de grandes potências vier a ser travada com armas atômicas. Mas no contexto da campanha de 1945, foi apenas um de uma série de recursos militares que os Estados Unidos podiam então empregar, para obrigar o Japão a render-se. A bem-sucedida campanha americana de submarinos ameaçava levar o Japão à fome; os enxames de bombardeiros B-29 martelavam suas cidades reduzindo-as a cinzas (o bombardeio incendiário de Tóquio a 9 de março de 1945 causou aproximadamente 185 mil baixas e destruiu 267 mil edifícios); e os planejadores americanos e seus aliados preparavam uma invasão maciça das ilhas territoriais do Japão. A combinação de motivos que, apesar de certas reservas, levou à decisão de lançar a bomba — o desejo de evitar baixas aliadas, o desejo de fazer uma advertência a Stalin, a necessidade de justificar as enormes despesas no projeto atômico — ainda é discutida hoje;³² mas o que queremos dizer aqui é que apenas os Estados Unidos tinham, naquela ocasião, os recursos produtivos e tecnológicos não só para travar duas guerras convencionais em grande escala, mas também investir cientistas, matéria-prima e dinheiro (cerca de 2 bilhões de dólares) na criação de uma nova arma que poderia funcionar, ou não. A devastação causada em Hiroxima, juntamente com a queda de Berlim ante o Exército Vermelho, não só simbolizou o fim de outra guerra, mas também marcou o início de uma nova ordem nos assuntos mundiais.

2 A nova paisagem estratégica SINAI'S DE UM MUNDO BIPOLAR

As linhas mestras da nova ordem já estavam sendo descritas pelos planejadores militares americanos, ainda quando o conflito se encontrava no auge. Como um dos seus relatórios sobre políticas a serem adotadas disse:

A conclusão bem-sucedida da guerra contra nossos atuais inimigos encontrará um mundo profundamente mudado, no que se relaciona com as forças militares nacionais relativas, uma modificação realmente mais comparável com a provocada pela queda de Roma do que com qualquer outra mudança ocorrida nos 1.500 anos que se sucederam ... Depois da derrota do Japão, os Estados Unidos e a União Soviética serão as únicas potências militares de primeira grandeza. Isto se deve, em ambos os casos, a uma combinação de posição e extensão geográficas e a um grande potencial de munição.³³

Embora os historiadores pudessem discordar da afirmação de que nada de natureza comparável tinha ocorrido nos últimos 1.500 anos, tornava-se claro que o (equilíbrio global) de poder depois da guerra seria totalmente diferente do que a havia antecedido. Antigas grandes potências — França, Itália — já se tinham eclipsado. A tentativa alemã de dominar a Europa estava

BIPOLARIZAÇÃO
= CONFRONTO?

3 X > URSS
5 X > UK

APRESENTAR
DADOS
ECONOMIA
US
1945 - 1945

em colapso, bem como a tentativa idêntica do Japão no Extremo Oriente e Pacífico. A Grã-Bretanha, apesar de Churchill, estava em declínio. O mundo bipolar, tantas vezes previsto nos séculos XIX e XX, chegara finalmente; a ordem internacional, nas palavras de DePorte, passava agora "de um sistema para outro".³⁴ Apenas os Estados Unidos e a União Soviética contavam, ao que parecia; e dos dois, a "superpotência" americana era muito maior.

Simplemente porque o resto do mundo estava exaurido pela guerra, ou ainda numa fase de "subdesenvolvimento" colonial, o poderio americano em 1945 era, à falta de outro termo, artificialmente alto, como, digamos, o da Grã-Bretanha em 1815. Não obstante, as dimensões reais desse poderio não tinham precedentes, em termos absolutos. Estimulado pelo enorme aumento nas despesas de guerra, o PNB nacional medido em dólares constantes de 1939 passou de 88,6 bilhões (1939) para 135 bilhões (1945), e para muito mais (220 bilhões) em dólares atuais. Finalmente, o "marasmo" da economia, que o New Deal não conseguira vencer, foi totalmente superado, e os recursos e a mão-de-obra subutilizados passaram a ser devidamente explorados: "Durante a guerra, o tamanho da fábrica produtiva no país cresceu em cerca de 50% e a produção física de mercadorias em mais de 50%."³⁵ Realmente, nos anos de 1940 a 1944 a expansão industrial nos Estados Unidos se fez em ritmo mais rápido — mais de 15% ao ano — do que em qualquer outro período, antes ou depois. Embora a maior parte desse crescimento fosse provocada pela produção de guerra (que passou de 2% do produto total em 1939 para 40% em 1943), a de produtos não-bélicos também aumentou, de modo que o setor civil da economia não foi prejudicado, como nas outras nações combatentes. Seu padrão de vida era mais elevado que o de qualquer outro país, o que também acontecia com a sua produtividade *per capita*. Entre as grandes potências, os Estados Unidos foram a única que se tornou mais rica — na verdade, muito mais rica — do que pobre, com a guerra. Quando do término desta, Washington tinha reservas em ouro de 20 bilhões de dólares, quase dois terços do total mundial de 33 bilhões.³⁶ Mais uma vez, "... mais de metade da produção industrial do mundo ocorreu nos Estados Unidos, que, na verdade, foram responsáveis por um terço da produção mundial de artigos de todos os tipos".³⁷ Isso também fez deles, de longe, o maior exportador de mercadorias ao final da guerra, e mesmo alguns anos depois forneciam um terço das exportações mundiais. Devido à expansão maciça de seus estaleiros, os Estados Unidos tinham agora metade do transporte marítimo mundial. Economicamente, o mundo estava em suas mãos.

Esse vigor econômico refletiu-se no poderio militar do país, que em fins da guerra controlava 12,5 milhões de soldados em armas, inclusive 7,5 milhões no exterior. Embora esse total fosse naturalmente diminuir com a paz (em 1948, o efetivo do exército era apenas de um nono do que tinha sido quatro anos antes), isso apenas refletia opções políticas, e não um potencial militar real. Dados os pressupostos iniciais de pós-guerra, sobre o papel limitado que os Estados Unidos teriam no mundo, uma melhor indicação de sua força está nos números relativos ao seu moderno arsenal. Àquela altura, a Marinha dos Estados Unidos era, indubitavelmente, a primeira do mundo: sua esquadra de 1.200 navios grandes (tendo como ponto de apoio central dezenas de porta-aviões, e não de encouraçados) era consideravelmente maior do que a

BANBA
TÔNICA

FIM GUERRA
NÍCIO DE
NOVA ORDEM
GLOBAL

REVOLUÇÃO
EQUILÍBRIO
PODER

esquadra inglesa, não havendo nenhuma outra força marítima de significação. Em suas forças-tarefa formadas de porta-aviões, bem como em suas divisões de fuzileiros, os Estados Unidos tinham demonstrado amplamente sua capacidade de projetar seu poderio através do mundo, a qualquer região acessível pelo mar. Ainda mais imponente era o "domínio do ar" americano: os mais de 2 mil bombardeiros pesados que tinham martelado a Europa de Hitler, e os mil B-29s de grande alcance que tinham reduzido muitas cidades japonesas a cinzas seriam complementados por bombardeiros a jato ainda mais poderosos, como o B-36. Acima de tudo, os Estados Unidos tinham o monopólio das bombas atômicas, que prometiam a devastação de qualquer inimigo futuro, tão horrível quanto a registrada em Hiroxima e Nagasáqui.³⁸ Como análises posteriores mostraram, o poder militar americano pode ter sido na realidade menor do que parecia (havia muito poucas bombas-A em estoque e seu lançamento tinha amplas implicações políticas), sendo difícil usá-lo para influir no comportamento de um país tão distante, misterioso e inescrutável como a U.R.S.S. Mas a imagem de sua inefável superioridade permaneceu inalterada até a Guerra da Coreia, e foi reforçada pelos pedidos de tantas nações, de empréstimos, armas e promessas de apoio militar.

Dada a posição econômica e estratégica extremamente favorável dos Estados Unidos, sua projeção externa depois de 1945 não poderia surpreender aos que estão familiarizados com a história da política internacional. Com o desaparecimento das grandes potências tradicionais, eles ocuparam aos poucos o vazio assim criado. Transformados em número um, já não podiam conter-se dentro de suas fronteiras, e nem mesmo de seu hemisfério. Na verdade, a guerra foi a causa primária dessa projeção externa do poderio e influência americanos. Foi devido a ela, por exemplo, que em 1945 eles tinham 69 divisões na Europa, 26 na Ásia e Pacífico, e nenhuma nos Estados Unidos continentais.³⁹ Apenas por estarem comprometidos na reordenação política da Alemanha (e Áustria), estavam "lá fora"; e como tinham feito campanha em grupos de ilhas no Pacífico, e na África do Norte, Itália e Europa ocidental, tinham forças também nesses territórios. Eram muitos, porém, os americanos (em especial entre os soldados) que esperavam voltar para casa sem demora, fazendo com que a disposição das forças armadas dos Estados Unidos voltasse às suas posições anteriores a 1941. Mas embora essa idéia assustasse pessoas como Churchill e fosse atraente para os republicanos isolacionistas, era impossível fazer o tempo andar para trás. Como os ingleses depois de 1815, os americanos por sua vez viram a sua influência informal em várias áreas transformar-se em algo mais formal — e mais envolvente. Como os ingleses, também eles encontravam "novas fronteiras de insegurança" sempre que pretendiam traçar a linha. A *Pax Americana* tinha amadurecido.⁴⁰

Os aspectos econômicos dessa nova ordem eram, pelo menos, bastante previsíveis. Durante a guerra, internacionalistas como Cordell Hull argumentaram, com alguma razão, que a crise global da década de 1930 fora causada, em grande parte, pelo mau funcionamento da economia internacional: pelas tarifas protetoras, pela concorrência econômica desleal, pelo acesso restrito às matérias-primas, pelas políticas governamentais autárquicas. A essa convicção iluminista do século XVIII de que "o comércio livre provoca a paz",⁴¹ juntaram-se as pressões exercidas pelas indústrias de exportação,

recessas de que uma depressão de pós-guerra pudesse seguir-se ao declínio dos gastos governamentais americanos, a menos que novos mercados de além-mar fossem abertos para absorver os frutos da maior produtividade da América. A isso acrescentava-se também uma defesa decidida, e talvez excessiva, pelos militares, para assegurar o controle americano (ou o acesso

MATERIAIS
ESTRATÉGICOS

irrestrito) de matérias-primas estratégicas como petróleo, borracha e minérios metálicos.⁴² Tudo isso combinou para comprometer os Estados Unidos na criação de uma nova ordem mundial benéfica às necessidades do capitalismo ocidental e, é claro, do mais florescente dos Estados capitalistas ocidentais — embora com a certeza adam-smithiana, a longo prazo, de que "a distribuição mais eficiente dos recursos, provocada pelo comércio livre, aumentaria a produtividade geral e com isso aumentaria a capacidade aquisitiva de todos."⁴³ Daí a série de acordos internacionais celebrados entre 1942 e 1946 — a criação do Fundo Monetário Internacional, do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento — e logo depois do Acordo Geral de Tarifas e Comércio, o GATT. Os países que desejavam obter alguns dos recursos disponíveis para reconstrução e desenvolvimento sob esse novo regime econômico viram-se obrigados a aceitar as exigências americanas de livre conversibilidade das moedas e da livre concorrência (como fizeram os ingleses, apesar de seus esforços para preservar a preferência imperial)⁴⁴ — ou afastar-se totalmente do sistema (como fizeram os russos, quando perceberam a sua incompatibilidade com os controles socialistas).

FMI,
BIRD &
GATT
CONDIÇÕES &
AJUDA EUA

As falhas práticas desses acordos eram, primeiro, que o volume de dinheiro disponível era insuficiente para a devastação causada por seis anos de guerra total; e, segundo, que um sistema de *laissez-faire* inevitavelmente funciona em benefício do país em melhor situação competitiva — no caso, os Estados Unidos que não sofreram com a guerra e eram hiperprodutivos — em detrimento dos menos equipados para competir — nações devastadas pela guerra, com fronteiras modificadas, massas de refugiados, casas bombardeadas, máquinas desgastadas, dívidas ruinosas, mercados perdidos. Só a percepção que os americanos tiveram mais tarde dos perigos gêmeos do descontentamento social generalizado na Europa e da crescente influência soviética, que estimulou a criação do Plano Marshall, permitiu a liberação de recursos para a renovação industrial substancial do "mundo livre". Aquela época, porém, a expansão da influência econômica americana ia de mãos dadas com a construção de uma série de bases militares e a elaboração de tratados de segurança por todo o mundo (ver adiante, p.372). Também nesse caso há muitos paralelos com a expansão das bases britânicas e as relações estabelecidas pelos tratados, depois de 1815. A diferença mais notável é que a Grã-Bretanha, no todo, foi capaz de evitar a plethora de alianças fixas e envolventes com outros países soberanos, assumidas agora pelos Estados Unidos. Quase todos esses compromissos americanos foram, é certo, uma "reação aos acontecimentos"⁴⁵ provocados pelo desdobramento da Guerra Fria; a despeito dessa justificção, a verdade é que envolveram os Estados Unidos num grau de participação global totalmente em desacordo com sua história anterior.

Isso não parece ter preocupado os responsáveis pelas decisões de 1945, muitos dos quais parecem ter sentido não só que era obra de um "destino manifesto", como também que tinham agora uma oportunidade de ouro para

FALHAS
ORDEM
ECONÔMICA

RECUSOS

INFLUÊNCIAS
ECON. &
MILITAR DE
MÃOS DADAS

INFLUÊNCIA
EUA

SOBRE MUNDO
INEVITÁVEL

ASPECTOS
ECONÔMICOS
NOVA ORDEM
LIBERALISMO

9 DAS 15
REPÚBLICAS
URSS OCUPADAS
PELOS NAZIS

consentir o que as antigas grandes potências tinham conseguido estragar. "A experiência americana", exultou Henry Luce, da revista *Life*, "é a chave do futuro... A América deve ser o irmão mais velho das nações, na fraternidade humana." 46 Não só a China, sobre a qual recaíam grandes esperanças, como todos os outros países do que seria logo chamado de Terceiro Mundo foram estimulados a adotar os ideais americanos de auto-ajuda, espírito empresarial, livre comércio e democracia. "Todos esses princípios e políticas são tão benéficos e atraentes para o senso de justiça, de direito e para o bem-estar dos povos livres por toda parte", profetizava Hull, "que dentro de poucos anos todo o mecanismo internacional estará trabalhando muito satisfatoriamente. 47 Quem fosse tão cego a ponto de não perceber isso — quer fossem os antiquados imperialistas ingleses e holandeses, ou os partidos políticos europeus de esquerda, ou o Molotov de cara fechada — seriam convencidos, por uma combinação de estímulos e pressões, na direção certa. Como disse um funcionário americano, "Agora é a nossa vez na Ásia", 48 e, poderia ter acrescentado, também em quase toda a parte.

A única área em que era altamente improvável a penetração da influência americana era a controlada pela União Soviética, que em 1945 (e desde então) alegava ser a verdadeira vencedora da luta contra o fascismo. De acordo com suas estatísticas, o Exército Vermelho tinha esmagado um total de 506 divisões alemãs; e dos 13,6 milhões de baixas e de prisioneiros alemães da Segunda Guerra Mundial, 10 milhões ocorreram na frente oriental. 49 Mas antes mesmo que o Terceiro Reich desmoronasse, Stalin transferia dezenas de divisões para o Extremo Oriente, pronto a lançá-las sobre o enfraquecido Exército Kwantung do Japão, na Manchúria, quando chegasse o momento — que ocorreu, como talvez não seja surpresa, três dias depois de Hiroxima. A extensa campanha na frente ocidental mais do que inverteu a desastrosa queda pós-1917 na posição da Rússia na Europa. Na verdade, ela a recolocou em nível semelhante ao do período 1814-1848, quando seu grande exército foi o policial da Europa centro-oriental. As fronteiras territoriais russas ampliaram-se — no norte, às expensas da Finlândia; no centro, às expensas da Polónia; e no sul, recuperando a Bessarábia, às expensas da Romênia. Os Estados bálticos, Estônia, Letônia e Lituânia, foram reincorporados à Rússia. Parte da Prússia oriental foi tomada, e um pedaço do leste da Tchecoslováquia (Rutênia, ou a Ucrânia Subcarpática) também foi ponderadamente acrescentado, de modo a haver acesso direto à Hungria. A oeste e sudoeste dessa Rússia aumentada, havia um novo *cordão sanitário* de Estados satélites, Polónia, Alemanha Oriental, Tchecoslováquia, Hungria, Romênia, Bulgária e (até que se libertaram) Jugoslávia e Albânia. Entre eles e o Ocidente, a proverbial "cortina de ferro" caía; atrás dela, os dirigentes do Partido Comunista e a polícia secreta determinaram que toda a região funcionaria de acordo com princípios totalmente contrários às esperanças de Cordell Hull. O mesmo acontecia no Extremo Oriente, onde a rápida ocupação da Manchúria, Coreia do Norte e Sacalina não só vingou a guerra de 1904-1905, como permitiu uma ligação com os comunistas chineses de Mao, cuja aceitação do evangelho do capitalismo do *laissez-faire* também era pouco provável.

Mas se esse crescimento da influência soviética parecia imponente, sua base econômica tinha sido muito prejudicada pela guerra — em contraste com

+ 25 MILHÕES DESABRIGADOS (EUA = 400 MIL)
MORTOS

CENSOS 1941-1946:
DIFERENÇA 37 MILHÕES PESSOAS (MORTOS + REFUGIADOS)

o imperturbado surto de prosperidade dos Estados Unidos. As perdas de população da Rússia foram terríveis: 7,5 milhões nas forças armadas, 6 a 8 milhões de civis mortos pelos alemães, mais as perdas de guerra "indiretas" causadas pelas reduzidas rações de alimentos, trabalho forçado e o enorme aumento das horas de trabalho, de modo que "no total, provavelmente cerca de 20 a 25 milhões de cidadãos soviéticos tiveram morte prematura entre 1941 e 1945". 50 Como as baixas foram principalmente de homens, o consequente desequilíbrio entre os sexos afetou muito a estrutura demográfica do país e provocou uma acentuada queda das taxas de natalidade. O prejuízo material causado nas áreas europeias da Rússia ocupadas pelos alemães, a Ucrânia e a Bielo-Rússia, foi tão grande que escapa à imaginação normal:

Dos 11,6 milhões de cavalos no território ocupado, 7 milhões foram mortos ou levados, bem como 20 dos 23 milhões de porcos. Foram destruídos 137 mil tratores, 49 mil celfadeiras-colhedoras e grande número de estábulos e outras edificações rurais. Os transportes foram atingidos pela destruição de 65 mil quilômetros de linhas ferroviárias, perda ou danificação de 15.800 locomotivas, de 428 mil vagões de carga, 4.280 barcos fluviais e metade de todas as pontes de estradas de ferro da região ocupada. Quase 50% de todo o espaço domiciliar urbano desse território, 1,2 milhões de casas, foram destruídas, bem como 3,5 milhões de residências em áreas rurais.

← Muitas cidades estavam em ruínas. Milhares de aldeias foram arrasadas. O povo vivia em buracos no chão. 51

1,7 MIL
+
30 MIL
ALEMÃS

Não é de surpreender, portanto, que quando os russos entraram em sua "zona de ocupação" na Alemanha, tivessem tentado retirar dela todos os bens móveis, fábricas, linhas ferroviárias, etc., bem como exigido indenizações de outros territórios do leste europeu (petróleo romeno, madeira finlandesa, carvão polonês).

É certo que a União Soviética tinha vencido a Grande Alemanha na batalha dos armamentos, bem como na linha de frente; fizera-o, porém, com uma incrível concentração na produção industrial-militar, e com reduções drásticas em todos os outros setores — bens de consumo, comércio e varejo, abastecimentos agrícolas (embora a queda da produção de alimentos tenha sido causada principalmente pelo saque alemão). 52 Em essência, portanto, a Rússia de 1945 era um gigante militar e, ao mesmo tempo, economicamente pobre, deficiente e desequilibrada. Sem o empréstimo e arrendamento, e tendo rejeitado dinheiros americanos posteriores devido às condições políticas de sua oferta, a União Soviética voltou ao seu programa pós-1928 de crescimento econômico forçado com os seus próprios recursos — com a mesma ênfase sobre os bens de produção (indústria pesada, carvão, eletricidade, cimento) e transportes, em detrimento dos bens de consumo e da agricultura, e com uma redução natural dos gastos militares, em relação aos níveis de guerra. O resultado, depois das dificuldades iniciais, foi um "milagre econômico menor" 53 no que se relaciona com a indústria pesada, tendo a produção quase que duplicado entre 1945 e 1950. O fechamento pela necessidade de reconstruir o sistema nervoso do poderio nacional, o regime stalinista não teve problemas na realização desses objetivos simplistas, nem em manter em níveis pré-revolução o padrão de vida da maioria dos russos. Não obstante, devemos

COMO ESSE
PAÍS PODE
TER ENTRADO
EM GUERRA?

URSS

AUMENTO
TERRITORIAL

ÁREA DE
INFLUÊNCIA

RAPIDIDADE
ECONOMIA
SOVIÉTICA

COMPARAR c/ EUA

notar também que, como ocorreu com o crescimento posterior a 1933, grande parte da "recuperação" da produção industrial consistiu em voltar aos níveis de antes da guerra. Na Ucrânia, por exemplo, a produção metalúrgica e elétrica em torno de 1950 tinha alcançado, ou ultrapassado de pouco, os números de 1940. Mais uma vez devido à guerra, o crescimento econômico da Rússia foi atrasado de uma década aproximadamente. Mais seria ainda, a longo prazo, era a incapacidade constante do vital setor agrícola: com a suspensão das medidas de incentivo da emergência de guerra, e devido aos investimentos totalmente inadequados (e mal dirigidos), a atividade agrícola diminuiu e a produção de alimentos baixou muito. Até a sua morte, Stalin manteve a sua amarga vingança contra a preferência do campesinato pelas glebas privadas, assegurando com isso a continuação da baixa produtividade e da alta ineficiência da agricultura russa.⁵⁴

Em contraste, Stalin estava claramente decidido a manter um alto nível de segurança militar ao mundo de pós-guerra. Levando-se em conta a necessidade de reconstruir a economia, não é de surpreender que o enorme Exército Vermelho fosse reduzido em dois terços depois de 1945, para o total ainda muito substancial de 175 divisões, apoiadas por 25 mil tanques e 19 mil aviões. Continuava sendo, portanto, a maior estrutura defensiva do mundo — fato justificado (pelo menos aos olhos soviéticos) pela sua necessidade de dissuadir futuras agressões e, mais prosaicamente, de controlar seus recém-adquiridos satélites na Europa, bem como as conquistas no Extremo Oriente. Embora fosse uma enorme força, muitas de suas divisões existiam apenas de forma incipiente, ou eram essencialmente tropas não-combatentes.⁵⁵ Além disso, as forças armadas corriam o risco de que sofrera o gigantesco exército russo nas décadas posteriores a 1815 — uma obsolescência crescente, frente aos progressos militares. Isso seria combatido não só com substancial reorganização e modernização das divisões do exército,⁵⁶ como também destinando-se os recursos econômicos e científicos do estado soviético ao desenvolvimento de novos sistemas de armas. Em 1947-1948, o formidável caça a jato MIG-15 entrava em serviço, e — imitação dos americanos e ingleses — tinha sido criada uma força aérea estratégica de longo alcance. Cientistas e técnicos alemães aprisionados foram usados para desenvolver vários mísseis guiados. Mesmo durante a guerra, tinham sido destinados recursos ao desenvolvimento de uma bomba atômica soviética. E a marinha russa, que fora uma simples arma auxiliar na luta contra a Alemanha, estava também sendo transformada, com a inclusão de novos cruzadores pesados e mais submarinos de alto-mar. Grande parte desse programa era um aperfeiçoamento de armas já existentes e, pelos padrões ocidentais, grosseiro. O que não deixava dúvidas porém, era a disposição soviética de não ficar para trás.⁵⁷

O terceiro elemento principal no fortalecimento do poderio russo foi a renovada ênfase de Stalin na disciplina interna e no conformismo absoluto, em fins da década de 1930. Se isso se devia à sua crescente paranóia ou a uma série de movimentos cuidadosamente calculados para reforçar a sua posição ditatorial — ou uma combinação dos dois — é difícil dizer, mas os acontecimentos falam por si mesmos.⁵⁸ Todos os que tinham ligações com o exterior eram suspeitos; os prisioneiros de guerra que voltavam eram fuzilados; a criação do Estado de Israel, e com isso uma fonte alternativa de

fidelidade para os judeus, levou a novas medidas anti-semitas na Rússia. A liderança do exército teve suas proporções reduzidas de acordo com os efetivos, sendo o respeitado marechal Zukov afastado do comando das forças soviéticas de terra em 1946. A disciplina dentro do próprio Partido Comunista e a admissão a ele tornaram-se mais rigorosas; em 1948, toda a liderança partidária em Leningrado (que Stalin sempre viu com aversão) sofreu um expurgo. A censura foi intensificada, não só sobre a literatura e as artes criativas, como também sobre as ciências naturais, biologia, linguística. Esse "endurecimento" geral do sistema enquadrava-se naturalmente com a reafirmação da coletivização da agricultura já mencionada, e com o aumento das tensões da guerra fria. Era também natural que um processo semelhante de endurecimento ideológico e controle totalitário ocorresse nos Estados da Europa oriental sob domínio soviético, onde a eliminação de partidos rivais, a realização de simulacros de julgamentos e a campanha contra os direitos e propriedades individuais tornaram-se a ordem do dia. Tudo isso, e em particular a eliminação da democracia na Polónia e (em 1948) na Tchecoslováquia, levou a uma considerável redução do entusiasmo ocidental pelo sistema soviético. E não é claro se tais medidas foram cuidadosamente calculadas — havia, e há, uma lógica brutal no desejo da elite soviética de isolar seus satélites, bem como seu próprio povo, das idéias e riquezas do Ocidente — ou simplesmente refletiam a paranóia crescente de Stalin, à medida que seu fim se aproximava. Qualquer que seja a causa, havia uma faixa maciça de território totalmente imune às influências de qualquer *Pax Americana* e que, na verdade, propunha uma alternativa a ela.

Esse crescimento do império soviético parecia confirmar as previsões geopolíticas de Mackinder e outros, de que uma potência militar gigantesca controlaria os recursos do "núcleo" eurasiático, e que a maior expansão desse Estado para a periferia, ou "orla", teria de ser contestada pelos grandes Estados marítimos, se quisessem preservar um equilíbrio mundial de forças.⁵⁹ Transcorreriam ainda alguns anos até que os governos dos Estados Unidos, abalados pela Guerra da Coreia, abandonassem totalmente suas idéias anteriores de "um mundo só", substituindo-as pela imagem de uma incessante luta de superpotências na arena internacional. Não obstante, isso estava implícito em grande parte das circunstâncias existentes em 1945: os Estados Unidos e a União Soviética eram as únicas nações capazes então, como Tocqueville tinha dito, de influir nos destinos de metade do globo; e ambas tinham sido atraídas para um pensamento "globalista". "A U.R.S.S. é hoje um dos mais poderosos países do mundo. Não se pode resolver hoje nenhum problema sério das relações internacionais sem ela..." disse Molotov em 1946,⁶⁰ num eco à advertência americana feita antes a Moscou (quando parecia que Churchill e Stalin poderiam chegar a um acordo privado sobre a Europa oriental), de que "nessa guerra global não há literalmente nenhuma questão, política ou militar, na qual os Estados Unidos não estejam interessados".⁶¹ Era inevitável um sério choque de interesses.

Mas, e as antigas grandes potências, agora meros pesos médios, cujo colapso era o reverso da medalha da ascensão das superpotências? Devemos dizer imediatamente que os Estados fascistas derrotados da Alemanha, Japão e Itália ocupavam uma categoria diferente da Grã-Bretanha e talvez, também,

URSS E SATÉLITES:

Halford Mackinder (1861-1947)

PAZ FUNDADOR GEOPOLÍTICA

HEMILAND

APERFEIÇOAMENTO MILITAR URSS

1. TERRORISMO 2. MODERNIZAÇÃO MILITAR

BRUTALISMO STALIN

EAS EX-POTÊNCIA

da França, no período imediato de pós-guerra. Quando a luta cessou, os Aliados puseram em prática seus planos para fazer com que nem a Alemanha nem o Japão voltassem jamais a constituir-se numa ameaça à ordem internacional. Isso implicava não só a ocupação militar a longo prazo dos dois países, mas também, no caso da Alemanha, sua divisão em quatro zonas de ocupação e, mais tarde, em dois Estados separados. O Japão foi privado de suas conquistas (como também a Itália, em 1943), a Alemanha de suas aquisições europeias e seus territórios mais antigos no leste (Silésia, Prússia oriental, etc.). A devastação causada pelos bombardeios estratégicos, o desgaste do sistema de transportes, a queda do número de habitações e a falta de muitas matérias-primas e mercados de exportação foram agravados pelo controle aliado da indústria — e, na Alemanha, pela desmontagem de fábricas. A renda nacional e produto nacional alemães foram, em 1946, menos de um terço do que tinham sido em 1938, uma terrível redução.⁶² Ocorreu no Japão um retrocesso econômico semelhante: a renda nacional real em 1946 foi de apenas 57% do que tinha sido em 1934-1936, e os salários reais na indústria haviam caído a apenas 30% do que eram naquelas datas; o comércio exterior foi tão pequeno que mesmo dois anos depois as exportações eram apenas 9%, e a importação 18%, dos números de 1934-1936. O transporte marítimo japonês foi eliminado pela guerra, o número de teares de algodão caiu de 12,2 milhões para 2 milhões, a produção de carvão foi reduzida à metade, e assim por diante.⁶³ Econômica e militarmente, sua época de nações poderosas parecia ter terminado.

Embora a Itália tenha mudado de lado em 1943, seu destino econômico foi quase tão sombrio quanto o da Alemanha e Japão. Durante dois anos as forças aliadas lutaram e bombardearam a península, agravando seriamente os prejuízos causados pelas extravagâncias estratégicas de Mussolini. "Em 1945 ... o produto nacional bruto da Itália tinha voltado ao nível de 1911 e diminuído em cerca de 40% em termos reais, se comparado com 1938. A população, apesar das perdas de guerra, tinha aumentado, em grande parte como consequência do repatriamento das colônias e o fim da emigração. O padrão de vida era alarmantemente baixo, e sem a ajuda internacional, em especial dos Estados Unidos, muitos italianos teriam morrido de fome."⁶⁴ Os salários reais italianos tinham caído para 26,7% de seu valor de 1913, em 1945.⁶⁵ Na verdade, todos esses países dependiam terrivelmente da ajuda americana, nesse período; e como tal, eram pouco mais do que satélites econômicos.

Era difícil dizer a diferença, em termos econômicos, entre a França e a Alemanha. Quatro anos de saques pelos alemães foram seguidos de meses de lutas em grande escala, em 1944: "a maioria das vias fluviais e portos estavam bloqueados, a maioria das pontes destruídas, grande parte do sistema ferroviário temporariamente fora de uso".⁶⁶ Os índices de Fohlen sobre as importações e exportações francesas mostram que caíram praticamente a zero em 1944-1945; a renda nacional da França, àquela época, foi de apenas metade de 1938, ano pouco favorável.⁶⁷ A França não tinha reservas de divisas estrangeiras, e o próprio franco não era aceito nas trocas; seu valor, quando fixado a 50 por dólar, em 1944, era "puramente fictício"⁶⁸ e dentro de um ano tinha caído a 119 o dólar; em 1949, quando as coisas pareciam mais estáveis, estava a 420 por dólar. A política partidária francesa, em particular o papel do Partido Comunista, evidentemente combinou-se com esses problemas puramente econômicos da reconstrução, nacionalização e inflação.

ALEX
JAP

Por outro lado, os Franceses Livres tinham sido membros da Grande Aliança contra o fascismo e tinham lutado em muitas das principais campanhas, bem como triunfado em sua guerra "civil" contra as forças pró-Vichy na África Ocidental, no Levante e Argélia. Tendo em vista a ocupação alemã da França e a divisão da fidelidade francesa durante a guerra, a organização de De Gaulle dependeu muito da ajuda anglo-americana — do que o general se ressentia, mesmo ao exigir mais. Não obstante, os ingleses estavam ansiosos por ver a França restabelecida em sua posição de grande potência militar na Europa, como um obstáculo à Rússia — em lugar de ter uma Alemanha desmoronada fazendo esse papel — e por isso a França teve muitas das insígnias de grande potência: uma zona de ocupação na Alemanha, lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU, e assim por diante. Embora não recuperasse seus antigos mandatos na Síria e Líbano, buscou reafirmar-se na Indochina e em protetorados como Tunísia e Marrocos; e, com seus departamentos e territórios de além-mar, ainda dispunha do segundo maior império colonial do mundo, e estava disposta a conservá-lo.⁶⁹ Para muitos observadores externos, em especial os americanos, essa tentativa da França de reconquistar os petrechos de potência de primeira classe, quando se encontrava tão desesperadamente fraca do ponto de vista econômico — e tão dependente do apoio financeiro americano — nada mais era do que uma *folie de grandeur*. E em grande parte realmente era. Talvez a sua principal consequência tenha sido disfarçar, pelo menos por mais alguns anos, em que proporções a paisagem estratégica do mundo fora modificada pela guerra.

Embora a maioria dos ingleses se indignasse, em 1945, com a comparação, a manutenção da aparência de sua nação e império como uma das grandes potências do mundo também disfarçava o novo equilíbrio estratégico — bem como tornava psicologicamente difícil aos responsáveis pelas decisões em Londres ajustar-se à política da decadência. O Império Britânico era o único grande Estado que tinha lutado na Segunda Guerra Mundial de princípio a fim. Sob a liderança de Churchill, foi indiscutivelmente um dos "Três Grandes". Seu desempenho militar, no mar, no ar e mesmo em terra, tinha sido significativamente melhor do que na Primeira Guerra Mundial. Em agosto de 1945, todas as possessões do rei-imperador — inclusive Hong Kong — estavam de volta às mãos britânicas. Soldados e bases aéreas britânicas espalhavam-se pela África do Norte, Itália, Alemanha, sudeste da Ásia. Apesar das pesadas perdas, a Marinha Real tinha mais de mil navios de guerra, cerca de 3 mil navios de guerra de menores proporções, e cerca de 5.500 veículos de desembarque. O Corpo de Bombeiros da Real Força Aérea (RAF) era a segunda força aérea do mundo. E ainda assim, como Correlli Barnett observou vigorosamente, a "vitória" não foi

sinônimo da preservação do poderio britânico. A derrota da Alemanha [e seus aliados] foi apenas um fator, embora muito importante, dessa preservação. Pois a Alemanha podia ser derrotada e ainda assim o poderio britânico podia chegar ao fim. O importante não era tanto a "vitória" em si, mas as circunstâncias da vitória, e em particular as circunstâncias nas quais a Inglaterra se encontrou ...⁷⁰

Pois a verdade é que, para conseguir um resultado vitorioso na guerra, os britânicos se tinham esgotado demais, esgotando todas as suas reservas de

ouro e dólar, desgastando suas fábricas, e (apesar de uma extraordinária mobilização de seus recursos e população) tornaram-se cada vez mais dependentes das munições, transporte marítimo, alimentos e outros abastecimentos americanos, para poder continuar lutando. Enquanto sua necessidade de tais importações aumentava ano a ano, suas exportações tinham desaparecido — em 1944, eram apenas 31% do número de 1938. Quando o governo trabalhista assumiu o poder em julho de 1945, um dos primeiros documentos que teve de ler foi o assistador memorando de Keynes sobre o “Dunquerque financeiro” enfrentado pelo país: seu colossal desequilíbrio comercial, sua base industrial debilitada e suas enormes instalações no exterior significavam que a ajuda americana era desesperadamente necessária para substituir o fim do empréstimo e arrendamento. Sem essa ajuda, na verdade, “seria preciso uma austeridade maior da que enfrentamos em qualquer momento, durante a guerra...”⁷¹ Mais uma vez, como aconteceu na Primeira Guerra Mundial, a meta de criar uma pátria digna dos heróis teria de ser modificada. Dessa vez, porém, era impossível acreditar que a Grã-Bretanha continuasse no centro do mundo, politicamente.

Não obstante, ainda perduravam as ilusões de grande potência, mesmo entre os ministros trabalhistas empenhados na criação de um “Estado do bem-estar social”. A história dos anos que se seguiram representa, portanto, uma ansiosa tentativa britânica de enfrentar esses irreconciliáveis — melhorar os padrões de vida internos, passar a uma “economia mista”, diminuir o déficit comercial, e ao mesmo tempo manter uma coleção muito ampliada de bases no exterior, na Alemanha, no Oriente Próximo e na Índia, manter grandes forças armadas devido ao agravamento das relações com a Rússia. Como o exame detalhado do governo Attlee mostra,⁷² ele teve êxitos notáveis sob muitos aspectos: a produtividade industrial aumentou, o déficit comercial diminuiu, foram postas em prática reformas sociais, o cenário europeu estabilizou-se. O governo trabalhista também julgou prudente retirar-se da Índia, afastar-se do caos da Palestina e abandonar as garantias à Grécia e à Turquia, de modo a ver-se aliviado de pelo menos alguns de seus ônus mais prementes no além-mar. Por outro lado, a recuperação econômica, em si mesma, dependeu do grande empréstimo negociado por Keynes em Washington em 1945, do apoio maciço prestado através do Plano Marshall e da devastação em que ainda se encontravam a maioria dos rivais comerciais da Grã-Bretanha; foi, portanto, uma recuperação econômica delicada e condicional. Igualmente duvidoso, a longo prazo, foi o êxito das retiradas britânicas de 1947. É certo que pesos intoleráveis foram aliviados, mas esse estratégico “jogo imaginoso” foi postulado na suposição de que, ao abandonar certas regiões, a Grã-Bretanha poderia relocalizar suas bases mais de acordo com seus verdadeiros interesses imperiais — o canal de Suez e não a Palestina, o petróleo árabe e não a Índia. Àquela altura, certamente não era intenção de Whitehall abandonar o resto do império dependente, que em termos econômicos era mais importante do que nunca para a Grã-Bretanha.⁷³ Só os novos choques e o custo cada vez maior de manter-se ali viria a forçar, mais tarde, a reavaliação do lugar britânico no mundo. Enquanto isso, porém, a Inglaterra continuaria sendo, do ponto de vista estratégico, muito distendida, ainda mais poderosa, dependente dos Estados Unidos para a segurança e, ao mesmo tempo,

também a sua mais útil aliada — e importante colaboradora estratégica — num mundo que se dividia em dois grandes blocos de poder.⁷⁴

FIM DA ERA EUROPEIA (ECONOMIA)

Apesar de todos os esforços em contrário dos governos britânico e franceses, não havia dúvidas sobre “o fim da era europeia”. Enquanto o PNB dos Estados Unidos tinha aumentado em mais de 50% em termos reais durante a guerra, o da Europa como um todo (exceto a União Soviética) tinha caído em cerca de 25%.⁷⁵ A parcela europeia da produção industrial mundial era inferior a qualquer outro momento desde princípios do século XIX; ainda em 1953, quando a maioria dos estragos da guerra tinha sido reparada, a Europa tinha apenas 26% do total (em comparação com os 44,7% dos Estados Unidos).⁷⁶ Sua população era agora de apenas cerca de 15-16% da população mundial total. Em 1950, seu PNB *per capita* era de apenas cerca da metade do dos Estados Unidos; além disso, a União Soviética tinha, já então, reduzido significativamente a distância, de modo que o PNB total das potências era o indicado no Quadro 36.

Quadro 36. PNB total e *per capita* das potências em 1950⁷⁷
(em dólares de 1964)

	PNB total	PNB <i>per capita</i>
Estados Unidos	381 bilhões	2.536
U.R.S.S.	126	699
Reino Unido	71	1.393 (1951)
França	50	1.172
Alemanha Ocidental	48	1.001
Japão	32	382
Itália	29	626 (1951)

O eclipse das potências europeias refletia-se ainda mais acentuadamente no pessoal e nos gastos militares. Em 1950, por exemplo, os Estados Unidos gastaram 14,5 bilhões de dólares com defesa, e tinham 1,38 milhão de pessoal militar, enquanto a U.R.S.S. gastou um pouco mais (15,5 bilhões) em suas forças armadas bem maiores, de 4,3 milhões de homens. Nesses dois aspectos, as superpotências estavam muito à frente da Grã-Bretanha (2,3 bilhões de dólares; 680 mil homens), França (1,4 bilhão; 590 mil) e Itália (0,5 bilhão; 230 mil) e, é claro, da Alemanha e Japão, ainda desmilitarizados. As tensões da Guerra da Coreia provocaram aumentos significativos nos gastos com a defesa pelas potências europeias de peso médio em 1951, obscurecidas porém pelos gastos dos Estados Unidos (33,3 bilhões) e U.R.S.S. (20,1 bilhões de dólares). Só naquele ano, as despesas defensivas da Grã-Bretanha, França e Itália combinadas foram menos que um quinto dos Estados Unidos e menos de um terço da U.R.S.S.; e seu pessoal militar combinado foi de metade dos Estados Unidos e um terço da Rússia.⁷⁸ Tanto em vigor econômico como em poder militar relativos, os estados europeus pareciam decididamente eclipsados.

Tal impressão foi intensificada pelo advento das armas nucleares e os sistemas de transportá-las para pontos distantes. E evidente pelos registros que muitos cientistas que trabalhavam na bomba-A tinham perfeita consciência de que chegavam a um marco de toda a história da guerra, dos sistemas de armas nucleares.

QUESTÃO AR-MAS NUCLEARES

UK MEMORIAL KEYNES

LOCAL TESTE

BOMBA ATÔMICA
EUA, NEW MEXICO

e da capacidade destrutiva do homem. O bem-sucedido teste de Alamogordo, em 16 de julho de 1945, confirmou para os observadores que "tinha sido criada alguma coisa grande e alguma coisa nova, imensamente mais importante do que a descoberta da eletricidade ou qualquer outra das grandes descobertas que afetaram a nossa existência". Quando "o forte, constante e apavorante rugido que anunciava o Juízo Final"⁷⁹ repetiu-se na mortandade real de Hiroxima e Nagasáqui, não pôde haver mais dúvidas quanto ao poder da arma. Sua criação deixou os responsáveis pelas decisões americanas às voltas com as muitas consequências práticas, para o futuro. De que modo seria afetada a guerra convencional? Devia ela ser usada imediatamente no início da guerra, ou como arma de último recurso? Quais as implicações e o potencial do desenvolvimento de formas mais poderosas (bomba-H) e menos poderosas (táticas) das armas nucleares? Devia esse conhecimento ser partilhado com outros?⁸⁰ Isso deu, sem dúvida, também um impulso à pesquisa soviética, já existente, de armas nucleares, pois Stalin colocou seu formidável chefe de segurança, Beria, à frente do programa atômico no dia seguinte à Hiroxima.⁸¹ Embora os russos estivessem claramente atrasados, naquela época, na criação das bombas e de seus sistemas de lançamento, alcançaram os americanos mais depressa do que estes esperavam. Durante alguns anos, depois de 1945, parecia justo que a vantagem nuclear americana ajudava a "equilibrar" a preponderância russa em forças convencionais. Mas não tardou, certamente, na história das relações internacionais, que Moscou começasse a diminuir a distância, e com isso a provar sua alegação de que o monopólio dessa arma pelos Estados Unidos era apenas uma fase passageira.⁸²

IMPLICAÇÕES

BOMBA ATÔMICA

SIST.

INTERNACION

QUEREM

POTÊNCIAS MÉDIAS A

QUEREM

O advento das armas atômicas transformou a "paisagem estratégica", já que davam a qualquer estado que as possuísse a capacidade de destruição em massa, indiscriminada, até mesmo da própria humanidade. De forma muito mais limitada, e imediata, o advento desse novo nível na tecnologia das armas aumentou a pressão sobre os estados europeus tradicionais para que também as tivessem — ou reconhecessem que estavam realmente relegados a uma posição secundária. É claro, no caso da Alemanha e Japão, e da Itália econômica e tecnologicamente enfraquecida, não havia perspectivas de ingresso no clube nuclear. Mas para o governo de Londres, mesmo quando Atlee substituiu Churchill, era inconcebível que o país não dispusesse dessas armas, tanto como dissuasório como por serem "uma manifestação de superioridade científica e tecnológica da qual a força da Grã-Bretanha, tão deficiente se medida apenas pelo número de homens, devia depender".⁸³ As armas atômicas foram vistas, em outras palavras, como um meio relativamente barato de conservar a influência de grande potência independente — um cálculo que, pouco depois, seduziu também os franceses.⁸⁴ Mas por mais atraente que essa lógica parecesse, era enfraquecida por fatores práticos: nenhum estado possuía as armas e os sistemas de lançá-las, durante alguns anos; seus arsenais nucleares seriam menores, se comparados com os das superpotências, e poderiam na verdade ficar obsoletos se houvesse um novo salto na tecnologia. Apesar de todas as ambições de Londres e Paris (e, mais tarde, da China) de ingressar no clube nuclear, esse esforço nas primeiras décadas posteriores a 1945 foi parecido com os esforços austro-húngaros e italianos para terem navios de guerra do tipo encouraçado antes de 1914. Em outras palavras, foi antes um reflexo de fraqueza do que de força.

2º ELEMENTO

BIPOLARIDADE

IDEOLOGIA

estratégia e politicamente, antes como bipolar do que em sua tradicional forma multipolar, foi a intensificação do papel da ideologia. Na verdade, até mesmo na era da diplomacia clássica do século XIX, os fatores ideológicos tiveram um papel na elaboração das políticas — como os atos de Metternich, Nicolau I, Bismarck e Gladstone mostraram claramente. Isso pareceu acontecer muito mais ainda nos anos entre as duas guerras, quando uma "direita radical" e uma "esquerda radical" surgiram, para questionar os pressupostos predominantes do "centro liberal burguês". Não obstante, a dinâmica complexa das rivalidades multipolares em fins da década de 1930 (com conservadores britânicos, como Churchill, desejando uma aliança com a Rússia comunista contra a Alemanha nazista, e com os liberais americanos desejosos de apoiar a diplomacia anglo-francesa na Europa, mas desmontar os impérios ingleses e francês fora dela) dificultava quaisquer tentativas de explicar os assuntos mundiais em termos ideológicos. Durante a guerra, além do mais, as diferenças de princípios políticos e sociais puderam ser esquecidas ante a necessidade premente de combater o fascismo. A dissolução da Internacional Comunista em 1943, por Stalin, e a admiração do Ocidente pela resistência russa à Operação Barbarossa também pareciam apagar desconfianças anteriores — especialmente nos Estados Unidos, onde a revista *Life* dizia em 1943 que os russos "parecem-se aos americanos, vestem-se como americanos e pensam como americanos", e o *New York Times*, um ano depois, declarava que "o pensamento marxista acabou com a União Soviética".⁸⁵ Esses sentimentos, por mais ingênuos que sejam, ajudam a explicar a generalizada relutância americana em aceitar que o mundo de pós-guerra não correspondesse à sua visão de harmonia internacional — daí, por exemplo, as reações sofridas e irritadas de muitos ao famoso discurso da Cortina de Ferro, pronunciado por Churchill em março de 1946.⁸⁶

EUA
IDEALISTAS?

Não obstante, dentro de um ou dois anos, a natureza ideológica do que agora se reconhecia como uma Guerra Fria entre a Rússia e o Ocidente era demasiado clara. As crescentes evidências de que a Rússia não permitira uma democracia do tipo parlamentar na Europa oriental, o simples tamanho das forças armadas russas, a guerra civil entre os comunistas e seus oponentes na Grécia, China e outros lugares e — o último ponto a ser mencionado, mas nem por isso o menos importante — o medo crescente da "ameaça vermelha", os grupos de espões e a subversão interna nos Estados Unidos, levaram a uma mudança maciça no sentimento americano, à qual o governo Truman respondeu com satisfação. Em seu discurso sobre a "Doutrina Truman", de março de 1947, motivado pelo medo de que a Rússia ocupasse o vazio de poder criado pela retirada das garantias britânicas à Grécia e Turquia, o presidente descreveu um mundo que enfrentava a escolha entre dois tipos diferentes de princípios ideológicos:

DOCTRINA
TRUMAN

Um modo de vida baseia-se na vontade da maioria, distinguindo-se pelas instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de palavra e religião, e ausência de opressão política. O segundo modo de vida baseia-se na vontade de uma minoria imposta pela força à maioria. Vale-se do terror e da opressão, de uma imprensa controlada, de eleições forçadas e da supressão da liberdade pessoal.⁸⁷

A política dos Estados Unidos, continuou Truman, seria de "ajudar os povos livres e manter suas instituições e sua integridade contra movimentos agressivos que buscam impor-lhes regimes totalitários". A partir de então, as questões internacionais seriam apresentadas, em termos ainda mais emocionais, como uma luta maniqueísta; nas palavras de Eisenhower, "As forças do bem e do mal estão reunidas e armadas em oposição como raramente aconteceu antes na História. A liberdade está em oposição à escravidão, a luz em oposição às trevas."⁸⁸

Sem dúvida, grande parte dessa retórica tinha finalidades internas — e não apenas nos Estados Unidos, mas também na Grã-Bretanha, Itália, França e em qualquer lugar onde fosse útil às forças conservadoras invocar essa linguagem para desacreditar seus rivais, ou para atacar seus próprios governos por serem "tolerantes com o comunismo". É também verdade que ela deve ter aprofundado as desconfianças que Stalin tinha do Ocidente, pintado sem demora pela imprensa soviética como contestatário da "esfera de influência" russa na Europa oriental, como uma tentativa de cercar a União Soviética de novos inimigos por todos os lados, estabelecendo bases avançadas, apoiando regimes reacionários contra qualquer influência comunista, e "enchendo" deliberadamente as Nações Unidas. "O novo curso da política externa americana", dizia Moscou, "significou um retorno à velha atitude anti-soviética, destinada a provocar a guerra e a instituir a dominação mundial pela Grã-Bretanha e Estados Unidos."⁸⁹ Essa explicação, por sua vez, podia ajudar o regime soviético a justificar sua perseguição dos dissidentes internos, a intensificação do controle da Europa oriental, sua industrialização forçada, suas grandes despesas com armamentos. Assim, as exigências externas e internas da Guerra Fria podiam alimentar-se mutuamente, disfarçadas ambas pelo recurso aos princípios ideológicos. Liberalismo e comunismo, sendo idéias universais, eram "mutuamente exclusivos";⁹⁰ isso permitia a cada um dos lados compreender, e retratar, todo o mundo como uma arena na qual a luta ideológica não se podia separar da vantagem política e de poder. Ou se estava com o bloco liderado pelos americanos, ou com o bloco soviético. Não havia meio-termo; na era de Stalin e Joe McCarthy, era imprudente pensar que pudesse haver. Era essa a nova realidade estratégica, a que não apenas os povos de uma Europa dividida, mas também os da Ásia, Oriente Médio, África, América Latina e outros teriam de ajustar-se.

3 A Guerra Fria e o Terceiro Mundo

Na realidade, uma grande parte da política internacional das duas décadas seguintes iria preocupar-se com o ajustamento a essa rivalidade soviético-americana e, em seguida, com sua rejeição parcial. No início, a Guerra Fria teve como centro a revisão das fronteiras da Europa. No fundo, portanto, ainda tinha relação com o "problema alemão", já que a solução dele determinaria por sua vez a influência que as potências vitoriosas de 1945 exerceriam na Europa. Os russos tinham, sem dúvida, sofrido mais do que qualquer outro país com as agressões alemãs na primeira metade do século XX, e, fortalecidos pela exigência paranoica de segurança do próprio Stalin, estavam dispostos

MAL x BEM

DEOLOGIA
COMO
DISFARCE

NÍCIO
GUERRA
FRIA →
EUROPA
CENTRO

DE NOVO, IDEOLOGIA NÃO É
CENTRO

O QUE
URSS
QUERIA

a não permitir repetições, na segunda metade. A promoção da revolução comunista mundial era uma consideração secundária, mas não sem relação com isso, já que a posição estratégica e política russa provavelmente se fortaleceria, se pudesse criar outros estados com liderança marxista, que se voltassem para Moscou em busca de orientação. Tais considerações, muito mais do que a tendência centenária de buscar portos em águas cálidas, provavelmente determinaram a política soviética no mundo, depois de 1945, mesmo que deixassem em aberto a solução detalhada de várias questões.

Havia portanto, em primeiro lugar, uma determinação de desfazer as soluções territoriais de 1918-1922, com "arredondamentos" de propósitos estratégicos. Como dissemos acima, isso significou a reafirmação do controle russo sobre os estados do Báltico, o avanço para oeste da fronteira polonesa-russa, a eliminação da Prússia oriental e a aquisição de territórios da Finlândia, Hungria e Romênia. Quase nada, entre essas medidas, preocupava o Ocidente: na verdade, grande parte delas havia sido acordada durante a guerra. Mais perturbadoras eram as indicações dos russos sobre o que pretendiam fazer para que os países antes independentes da Europa centro-oriental tivessem regimes "amistosos" para com Moscou.

EXPANSÃO
FRONTEIRAS

Sob esse aspecto, a sorte da Polónia mostrou o que iria acontecer em outros lugares, embora fosse um exemplo mais pungente devido à decisão britânica de 1939 de lutar pela integridade daquele país, e devido aos contingentes (e governo no exílio) poloneses que tinham operado no Ocidente. A descoberta das sepulturas em massa de oficiais poloneses em Katyn, a desaprovação russa do levante de Varsóvia, a insistência de Stalin em modificar as fronteiras polonesas, e o aparecimento de uma facção de poloneses pró-Moscú em Lublin despertaram suspeitas, sobretudo em Churchill, quanto às intenções russas; dentro de mais uns poucos anos, com a instalação de um regime títere e o virtual afastamento do poder de quaisquer poloneses pró-ocidentais, aqueles receios transformaram-se em realidade.⁹¹

O tratamento dado por Moscou à questão polonesa relacionava-se, sob todos os aspectos, com o "problema alemão". Territorialmente, o ajuste das fronteiras a oeste não só reduziu o tamanho das terras alemãs (para o que contribuiu também a assimilação da Prússia oriental), como também deu aos poloneses um incentivo para se oporem a qualquer revisão alemã futura da linha Oder-Neisse. Estrategicamente, a insistência russa em fazer da Polónia uma "zona tampão" seguia visava a assegurar a não repetição do ataque alemão de 1941. Era lógico portanto, para Moscou, insistir na determinação do destino também do povo alemão. Politicamente, o apoio aos poloneses de "Lublin" teve um paralelo no preparo dos comunistas alemães no exílio para que desempenhassem papel semelhante ao voltar à pátria. Economicamente, a exploração da Polónia, e dos vizinhos do leste europeu, pelos russos foi uma amostra do saque aos bens alemães. Quando, porém, tornou-se evidente a Moscou que seria impossível conquistar a boa vontade do povo alemão reduzindo-o sistematicamente à penúria, o saque acabou e o tom de Molotov tornou-se muito mais encorajador. Essas oscilações táticas, porém, eram menos importantes do que a mensagem óbvia de que a Rússia pretendia ter uma influência, se não a influência, na decisão do futuro da Alemanha.⁹²

INFLUÊNCIA
EUR. ORIENTAL

SOB ESSE ASPECTO, A SORTE DA POLÓNIA MOSTROU O QUE IRIA ACONTECER EM OUTROS LUGARES, EMBORA FOSSE UM EXEMPLO MAIS PUNGENTE DEVIDO À DECISÃO BRITÂNICA DE 1939 DE LUTAR PELA INTEGRIDADE DAQUELE PAÍS, E DEVIDO AOS CONTINGENTES (E GOVERNO NO EXÍLIO) POLONESES QUE TINHAM OPERADO NO OCIDENTE.

A DESCOBERTA DAS SEPULTURAS EM MASSA DE OFICIAIS POLONESES EM KATYN, A DESAPROVAÇÃO RUSSA DO LEVANTE DE VARSÓVIA, A INSISTÊNCIA DE STALIN EM MODIFICAR AS FRONTEIRAS POLONESES, E O APARECIMENTO DE UMA FACÇÃO DE POLONESES PRÓ-MOSCÚ EM LUBLIN DESPERTARAM SUSPEITAS, SOBRETUDO EM CHURCHILL, QUANTO ÀS INTENÇÕES RUSSAS; DENTRO DE MAIS UNS POUCOS ANOS, COM A INSTALAÇÃO DE UM REGIME TÍTERE E O VIRTUAL AFASTAMENTO DO PODER DE QUALQUER POLONESES PRÓ-OCIDENTAIS, AQUELES RECEIOS TRANSFORMARAM-SE EM REALIDADE.⁹¹

O TRATAMENTO DADO POR MOSCÚ À QUESTÃO POLONESE RELACIONAVA-SE, SOB TODOS OS ASPECTOS, COM O "PROBLEMA ALEMÃO". TERRITORIALMENTE, O AJUSTE DAS FRONTEIRAS A OESTE NÃO SÓ REDUZIU O TAMANHO DAS TERRAS ALEMÃS (PARA O QUE CONTRIBUIU TAMBÉM A ASSIMILAÇÃO DA PRÚSSIA ORIENTAL), COMO TAMBÉM DEU AOS POLONESES UM INCENTIVO PARA SE OPOEREM A QUALQUER REVISÃO ALEMÃ FUTURA DA LINHA ODER-NEISSE.

ESTRATEGICAMENTE, A INSISTÊNCIA RUSSA EM FAZER DA POLÓNIA UMA "ZONA TAMPÃO" SEGUIA VISAVA A ASSEGURAR A NÃO REPETIÇÃO DO ATAQUE ALEMÃO DE 1941. ERA LÓGICO PORTANTO, PARA MOSCÚ, INSISTIR NA DETERMINAÇÃO DO DESTINO TAMBÉM DO POVO ALEMÃO.

POLITICAMENTE, O APOIO AOS POLONESES DE "LUBLIN" TEVE UM PARALELO NO PREPARO DOS COMUNISTAS ALEMÃES NO EXÍLIO PARA QUE DESEMPENHASSEM PAPEL SEMELHANTE AO VOLTAR À PÁTRIA. ECONOMICAMENTE, A EXPLORAÇÃO DA POLÓNIA, E DOS VIZINHOS DO LESTE EUROPEU, PELOS RUSSOS FOI UMA AMOSTRA DO SAQUE AOS BENS ALEMÃS.

QUANDO, PORÉM, TORNOU-SE EVIDENTE A MOSCÚ QUE SERIA IMPOSSÍVEL CONQUISTAR A BOA VONTADE DO POVO ALEMÃO REDUZINDO-O SISTEMATICAMENTE À PENÚRIA, O SAQUE ACABOU E O TOM DE MOLOTOV TORNOU-SE MUITO MAIS ENCORAJADOR.

ESSAS OSCILAÇÕES TÁTICAS, PORÉM, ERAM MENOS IMPORTANTES DO QUE A MENSAGEM ÓBIVA DE QUE A RÚSSIA PRETENDIA TER UMA INFLUÊNCIA, SE NÃO A INFLUÊNCIA, NA DECISÃO DO FUTURO DA ALEMANHA.⁹²

INFLUÊNCIA
EUR. ORIENTAL

SOB ESSE ASPECTO, A SORTE DA POLÓNIA MOSTROU O QUE IRIA ACONTECER EM OUTROS LUGARES, EMBORA FOSSE UM EXEMPLO MAIS PUNGENTE DEVIDO À DECISÃO BRITÂNICA DE 1939 DE LUTAR PELA INTEGRIDADE DAQUELE PAÍS, E DEVIDO AOS CONTINGENTES (E GOVERNO NO EXÍLIO) POLONESES QUE TINHAM OPERADO NO OCIDENTE.

A DESCOBERTA DAS SEPULTURAS EM MASSA DE OFICIAIS POLONESES EM KATYN, A DESAPROVAÇÃO RUSSA DO LEVANTE DE VARSÓVIA, A INSISTÊNCIA DE STALIN EM MODIFICAR AS FRONTEIRAS POLONESES, E O APARECIMENTO DE UMA FACÇÃO DE POLONESES PRÓ-MOSCÚ EM LUBLIN DESPERTARAM SUSPEITAS, SOBRETUDO EM CHURCHILL, QUANTO ÀS INTENÇÕES RUSSAS; DENTRO DE MAIS UNS POUCOS ANOS, COM A INSTALAÇÃO DE UM REGIME TÍTERE E O VIRTUAL AFASTAMENTO DO PODER DE QUALQUER POLONESES PRÓ-OCIDENTAIS, AQUELES RECEIOS TRANSFORMARAM-SE EM REALIDADE.⁹¹

O TRATAMENTO DADO POR MOSCÚ À QUESTÃO POLONESE RELACIONAVA-SE, SOB TODOS OS ASPECTOS, COM O "PROBLEMA ALEMÃO". TERRITORIALMENTE, O AJUSTE DAS FRONTEIRAS A OESTE NÃO SÓ REDUZIU O TAMANHO DAS TERRAS ALEMÃS (PARA O QUE CONTRIBUIU TAMBÉM A ASSIMILAÇÃO DA PRÚSSIA ORIENTAL), COMO TAMBÉM DEU AOS POLONESES UM INCENTIVO PARA SE OPOEREM A QUALQUER REVISÃO ALEMÃ FUTURA DA LINHA ODER-NEISSE.

ESTRATEGICAMENTE, A INSISTÊNCIA RUSSA EM FAZER DA POLÓNIA UMA "ZONA TAMPÃO" SEGUIA VISAVA A ASSEGURAR A NÃO REPETIÇÃO DO ATAQUE ALEMÃO DE 1941. ERA LÓGICO PORTANTO, PARA MOSCÚ, INSISTIR NA DETERMINAÇÃO DO DESTINO TAMBÉM DO POVO ALEMÃO.

POLITICAMENTE, O APOIO AOS POLONESES DE "LUBLIN" TEVE UM PARALELO NO PREPARO DOS COMUNISTAS ALEMÃES NO EXÍLIO PARA QUE DESEMPENHASSEM PAPEL SEMELHANTE AO VOLTAR À PÁTRIA. ECONOMICAMENTE, A EXPLORAÇÃO DA POLÓNIA, E DOS VIZINHOS DO LESTE EUROPEU, PELOS RUSSOS FOI UMA AMOSTRA DO SAQUE AOS BENS ALEMÃS.

QUANDO, PORÉM, TORNOU-SE EVIDENTE A MOSCÚ QUE SERIA IMPOSSÍVEL CONQUISTAR A BOA VONTADE DO POVO ALEMÃO REDUZINDO-O SISTEMATICAMENTE À PENÚRIA, O SAQUE ACABOU E O TOM DE MOLOTOV TORNOU-SE MUITO MAIS ENCORAJADOR.

ESSAS OSCILAÇÕES TÁTICAS, PORÉM, ERAM MENOS IMPORTANTES DO QUE A MENSAGEM ÓBIVA DE QUE A RÚSSIA PRETENDIA TER UMA INFLUÊNCIA, SE NÃO A INFLUÊNCIA, NA DECISÃO DO FUTURO DA ALEMANHA.⁹²

INFLUÊNCIA
EUR. ORIENTAL

SOB ESSE ASPECTO, A SORTE DA POLÓNIA MOSTROU O QUE IRIA ACONTECER EM OUTROS LUGARES, EMBORA FOSSE UM EXEMPLO MAIS PUNGENTE DEVIDO À DECISÃO BRITÂNICA DE 1939 DE LUTAR PELA INTEGRIDADE DAQUELE PAÍS, E DEVIDO AOS CONTINGENTES (E GOVERNO NO EXÍLIO) POLONESES QUE TINHAM OPERADO NO OCIDENTE.

A DESCOBERTA DAS SEPULTURAS EM MASSA DE OFICIAIS POLONESES EM KATYN, A DESAPROVAÇÃO RUSSA DO LEVANTE DE VARSÓVIA, A INSISTÊNCIA DE STALIN EM MODIFICAR AS FRONTEIRAS POLONESES, E O APARECIMENTO DE UMA FACÇÃO DE POLONESES PRÓ-MOSCÚ EM LUBLIN DESPERTARAM SUSPEITAS, SOBRETUDO EM CHURCHILL, QUANTO ÀS INTENÇÕES RUSSAS; DENTRO DE MAIS UNS POUCOS ANOS, COM A INSTALAÇÃO DE UM REGIME TÍTERE E O VIRTUAL AFASTAMENTO DO PODER DE QUALQUER POLONESES PRÓ-OCIDENTAIS, AQUELES RECEIOS TRANSFORMARAM-SE EM REALIDADE.⁹¹

O TRATAMENTO DADO POR MOSCÚ À QUESTÃO POLONESE RELACIONAVA-SE, SOB TODOS OS ASPECTOS, COM O "PROBLEMA ALEMÃO". TERRITORIALMENTE, O AJUSTE DAS FRONTEIRAS A OESTE NÃO SÓ REDUZIU O TAMANHO DAS TERRAS ALEMÃS (PARA O QUE CONTRIBUIU TAMBÉM A ASSIMILAÇÃO DA PRÚSSIA ORIENTAL), COMO TAMBÉM DEU AOS POLONESES UM INCENTIVO PARA SE OPOEREM A QUALQUER REVISÃO ALEMÃ FUTURA DA LINHA ODER-NEISSE.

ESTRATEGICAMENTE, A INSISTÊNCIA RUSSA EM FAZER DA POLÓNIA UMA "ZONA TAMPÃO" SEGUIA VISAVA A ASSEGURAR A NÃO REPETIÇÃO DO ATAQUE ALEMÃO DE 1941. ERA LÓGICO PORTANTO, PARA MOSCÚ, INSISTIR NA DETERMINAÇÃO DO DESTINO TAMBÉM DO POVO ALEMÃO.

DUAS ÁREAS BÁSICAS
RÚSSIA EUROPEIA
SIBÉRIA

OBJETIVO
POLÍTICO
RUSSO
FUNDAMENTAL

SEGURANÇA
NACIONAL

OBJETIVOS
URSS
CHOCAM-SE
/ OCIDENTE

GUERRA
FRIA
NEVITÁVEL?

ARACTER.
GUERRA
FRIA

①
DIVISÃO
EUROPA

Tanto no caso polonês, como no alemão, a política russa teria de chocar-se com a do Ocidente. Política e economicamente os americanos, ingleses e franceses queriam que as idéias do mercado livre e as eleições democráticas fossem a norma em toda a Europa (embora Londres e Paris desejassem, claramente, ver o estado ocupando um lugar maior do que o preferido pelo *laissez-faire* americano). Estrategicamente, o Ocidente estava tão disposto quanto Moscou a impedir qualquer ressurgimento do militarismo alemão, e especialmente os franceses se preocupariam com isso até meados da década de 1950. Mas nenhum deles queria ver a Wehrmacht simplesmente substituída pelo Exército Vermelho no domínio da Europa. E embora os governos francês e italiano tivessem, depois de 1945, contido os comunistas, a possibilidade de os partidos marxistas conseguirem poder real em qualquer lugar era vista com profunda desconfiança — sentimento esse confirmado pela eliminação dos partidos não-comunistas na Europa oriental. Embora ainda se fizessem ouvir vozes esperanças de uma reconciliação entre a Rússia e o Ocidente, o fato é que os respectivos objetivos entravam em choque, de todas as maneiras. Se o programa de um dos lados tivesse êxito, o outro se sentiria ameaçado; nesse sentido, pelo menos, a Guerra Fria parecia inevitável, até que os dois lados concordassem em abrir mão de seus pressupostos universais.

Por isso, uma descrição passo a passo da escalada das tensões não se faz necessária aqui; ela teria a mesma relevância para esta análise da evolução da dinâmica do poder mundial que, digamos, uma exposição detalhada da diplomacia de Metetrnich, no capítulo anterior. As principais características da Guerra Fria depois de 1945 são, porém, dignas de exame, já que continuaram a afetar a conduta das relações internacionais até hoje.

A primeira dessas características foi a intensificação da "divisão" em dois blocos na Europa. Era compreensível que tal bifurcação não tivesse ocorrido imediatamente em 1945: as principais tarefas para as forças aliadas de ocupação, e para os partidos "sucessores" que surgiram da ilegalidade ou do exílio quando os alemães foram embora, eram prementes tarefas administrativas — restabelecer as comunicações e serviços públicos, abastecer as cidades de alimentos, abrigar os refugiados, localizar os criminosos de guerra. Grande parte disso levou a um esquecimento das posições ideológicas: nas zonas ocupadas da Alemanha, os americanos brigavam tanto com os franceses quanto com os russos; em assembleias nacionais e gabinetes que estavam sendo formados pela Europa, socialistas sentavam-se ao lado de comunistas, no leste, e comunistas ao lado dos democratas cristãos, no oeste. Em fins de 1946 e princípios de 1947 a distância se estava ampliando e tornando-se mais notória: vários plebiscitos e eleições regionais na zona alemães mostravam que "a fisionomia política da Alemanha Ocidental... começa a distinguir-se acentuadamente da fisionomia política da Alemanha Oriental";⁹⁴ a constante eliminação de quaisquer elementos não-comunistas na Polónia, Bulgária e Romênia refletiu-se na crise política interna da França em abril de 1947, quando os comunistas foram obrigados a renunciar ao governo. Um mês depois, a mesma coisa aconteceu na Itália. Na Jugoslávia, a dominação política de Tito (em lugar dos acordos aliados durante a guerra sobre a divisão do poder) foi interpretada pelo Ocidente como mais um passo no planejado avanço de Moscou. Essas discordâncias, juntamente com a recusa da União Soviética em

EUA QUERIAM MANTER
BOAS RELAÇÕES
c/ URSS

participar do Fundo Monetário Internacional e do Banco Internacional, perturbaram muito os americanos, que tinham esperanças de preservar boas relações com Moscou, depois da guerra.

Ao suspeitar que Stalin também planejava conseguir o controle da Europa ocidental e meridional quando as circunstâncias fossem propícias e, na verdade, apressar essas circunstâncias, o Ocidente deu apenas um pequeno passo, portanto. Era improvável que isso acontecesse com o uso direto de força militar, embora a crescente pressão russa sobre a Turquia fosse preocupante, e levasse Washington a mandar uma força-tarefa naval para o Mediterrâneo oriental, em 1946; poderia ocorrer, isso sim, graças à habilidade dos agentes de Moscou de se aproveitarem das continuadas deformações econômicas e das rivalidades políticas provocadas pela guerra. A revolta comunista grega foi considerada como um indicio disso; as greves apoiadas pelos comunistas na França, como outro. As tentativas russas de seduzir a opinião pública alemã também foram suspeitas; e também o era — para quem realmente quisesse preocupar-se com a situação — a força dos comunistas no norte da Itália. Os historiadores de todos esses movimentos mostram-se hoje mais céticos sobre a possibilidade de que fossem controlados por um "plano mestre" concebido em Moscou. Os comunistas gregos, Tito e Mao Tse-tung preocupavam-se mais com seus inimigos locais do que com uma ordem marxista mundial; e os líderes dos partidos comunistas e sindicatos do Ocidente tinham de estar atentos, em primeiro lugar, ao estado de espírito de seus liderados. De um lado, uma vitória para o comunismo em qualquer desses países teria sem dúvida sido bem recebida na Rússia, desde que não provocasse uma grande guerra; e é fácil compreender por que na época especialistas em assuntos soviéticos, como George Kennan, foram ouvidos com simpatia quando argumentaram em favor de uma "contenção" da União Soviética.

Entre todos os variados elementos da "estratégia da contenção" que evoluiu rapidamente,⁹⁵ dois se destacam primeiro, que Kennan considerava negativo de natureza embora preferido cada vez mais pelos militares como capaz de oferecer garantias mais sólidas de estabilidade, era indicar a Moscou as regiões do mundo que os Estados Unidos "não podem permitir... que caiam em mãos a eles hostis".⁹⁶ Esses estados receberiam, portanto, apoio militar para aumentar sua capacidade de resistência; e um ataque soviético a eles seria considerado praticamente como um *casus belli*. Muito mais positivo, porém, foi o reconhecimento americano de que a resistência à subversão russa estava enfraquecida devido à "profunda exaustão dos recursos físicos e do vigor espiritual" causada pela Segunda Guerra Mundial.⁹⁷ O componente mais importante de qualquer política de contenção a longo prazo seria, portanto, um programa maciço de ajuda econômica dos Estados Unidos, para permitir a reconstrução de indústrias, fazendas e cidades destruídas na Europa e Japão, pois isso não só reduziria a tentação das doutrinas comunistas de luta de classes e revolução, como também ajudaria a reajustar o *equilíbrio de forças* a favor dos americanos. Se, usando um argumento geopolítico muito plausível de Kennan, havia apenas "cinco centros de poder industrial e militar no mundo importantes para nós do ponto de vista da segurança nacional"⁹⁸ — os próprios Estados Unidos, sua rival a U.R.S.S., a Grã-Bretanha, a Alemanha e a Europa central, e o Japão — segue-se então que mantendo as três últimas áreas

INEVITABILIDADE?
POLÓNIA AMEAÇADA
SEGURANÇA NACIONAL
EUA? IMPEDIR
BLOCO HEgemónico
EUROPIA

FOCO
CARACTERÍSTICAS

①
KENNAN
DIPLOMATA EUA
CHEFE MISSÃO
DIPLOMÁTICA MOSCOW
GESTÃO AVERELL
HARRIMAN

ESTRATÉGIA
CONTENÇÃO
(URSS)

APOIO
MILITAR
A ÁREAS
ESTRATÉGICAS

APOIO
ECONOMICO

5 CENTROS
PODER

1947
ANO CRUCIAL
GRÉCIA & TURQUIA

mencionadas no campo ocidental, e fortalecendo-as, disso resultaria uma "correlação de forças" que assegurava a permanente inferioridade da União Soviética. É igualmente óbvio que essa estratégia seria vista com profunda suspeita pela Rússia de Stalin, especialmente porque incluía a recuperação de seus dois recentes inimigos, Alemanha e Japão.

Mais uma vez, portanto, uma cronologia exata dos vários passos dados por ambos os lados durante e depois do "ano crucial" de 1947 é menos importante do que as consequências gerais. A substituição das garantias britânicas à Grécia e Turquia pelas garantias americanas — simbolicamente, uma transferência de responsabilidades do antigo policial do mundo para o outro que despontava, e que fazia igualmente parte da lógica de Londres e de Washington⁹⁹ — foi justificada por Truman em termos de uma "doutrina" que não tinha limitações regionais. No contexto europeu, porém, a disposição franca da América de "ajudar os povos livres e manter suas instituições" podia ser relacionada com as animadas discussões que se processavam, sobre a maneira de se reparar as dificuldades econômicas generalizadas, a escassez de alimentos e de carvão que afligiam o continente. A solução do governo americano — o chamado Plano Marshall de ajuda maciça "para colocar a Europa de pé, economicamente" — foi deliberadamente apresentada como uma oferta a todas as nações européias, comunistas ou não. Mas por maiores que fossem os atrativos de receber aquela ajuda, para Moscou ela significava uma cooperação com a Europa ocidental, exatamente num momento em que a economia soviética tinha voltado às mais rígidas formas de socialização e coletivização; e não era preciso ser gênio para perceber que a razão de ser do plano era convencer os europeus de todos os países que a empresa privada era mais capaz de lhes proporcionar prosperidade do que o comunismo. O resultado do abandono das conversações de Paris sobre o plano, por Molotov, e da pressão russa sobre a Polónia e Tchecoslováquia para que não se candidatassem à ajuda, foi tornar-se a Europa muito mais dividida do que antes. Na Europa ocidental, estimulada pelos bilhões de dólares da ajuda americana (especialmente a estados maiores, Grã-Bretanha, França, Itália e Alemanha Ocidental), o crescimento econômico disparou, integrado numa rede de comércio do Atlântico Norte. Na Europa oriental, os controles comunistas estavam sendo apertados. O Cominform foi criado em 1947, como uma espécie de Internacional Comunista reconstituída e apenas semidistendida. O regime pluralista em Praga foi encerrado por um golpe comunista em 1948. Embora a Iugoslávia de Tito conseguisse escapar ao abraço clausrofóbico de Stalin, outros satélites viram-se submetidos a expurgos, e em 1949 foram forçados a ingressar no Comecon (Conselho de Assistência Econômica Mútua) que, longe de ser um Plano Marshall soviético, era "simplesmente uma nova peça da máquina de explorar os satélites".¹⁰⁰ Churchill pode ter sido um pouco prematuro na descrição que fez da "Cortina de Ferro" em 1946; dois anos depois, porém, suas palavras eram realidade.

A intensificação das rivalidades econômicas Leste-Oeste foi complementada em nível militar, e mais uma vez a Alemanha foi o centro da disputa. Em março de 1947 os ingleses e franceses tinham firmado o Tratado de Dunquerque, pelo qual comprometiam-se a prestar mutuamente apoio militar total na hipótese de um ataque pela Alemanha (embora o Foreign Office em

361

Londres considerasse tal contingência "apenas acadêmica" e estivesse mais preocupado com as debilidades internas da Europa ocidental). Em março de 1948 esse pacto foi ampliado pelo Tratado de Bruxelas, para incluir países do Benelux. Esse último acordo não mencionava nominalmente a Alemanha, mas é justo dizer que muitos políticos na Europa ocidental (especialmente na França) ainda estavam obcecados pelo "problema alemão" naquela época, e não com o "problema russo".¹⁰¹ A natureza antidiluviana de suas preocupações seria abalada ainda em 1948. No mesmo mês em que o Tratado de Bruxelas foi firmado, os russos abandonaram o Conselho das Quatro Potências para o Controle da Alemanha, alegando diferenças inconciliáveis com o Ocidente sobre o futuro econômico e político daquele país. Três meses depois, numa tentativa de pôr fim ao mercado negro e ao caos monetário na Alemanha, as três potências ocidentais controladoras anunciaram a criação de um novo *deutsche mark*. A reação russa a essa medida unilateral foi não só proibir as notas da Alemanha Ocidental em suas zonas, como restringir os movimentos de entrada e saída de Berlim, aquela ilha de influência ocidental situada a 160 quilômetros de sua esfera.

Se alguma coisa deixou bem clara a extensão do antagonismo, foi a crise de Berlim de 1948-1949.¹⁰² Autoridades em Washington e Londres já estavam examinando os meios pelos quais um grupo de Estados europeus, os dominios, e os Estados Unidos poderiam se unir no caso de hostilidades com a Rússia. Embora os americanos, como aconteceu com o Plano Marshall, desejassem que os europeus fossem os primeiros a apresentar esquemas de segurança militar, não havia, àquela altura, mais dúvidas de que os Estados Unidos levavam muito a sério o desafio comunista. O "medo dos vermelhos", internamente, complementou medidas mais duras tomadas no exterior. Em março de 1948 Truman chegou mesmo a pedir ao Congresso que restabelecesse o recrutamento, solicitação atendida com a Lei do Serviço Militar Seletivo de junho daquele ano. Todas essas decisões foram apressadas pelo bloqueio soviético dos acessos terrestres a Berlim. Embora a era do poderio aéreo tivesse permitido aos americanos e ingleses pagar para ver o blefe de Stalin, enviando abastecimentos para Berlim por via aérea nos 11 meses que se seguiram, até que o acesso terrestre fosse restabelecido, muitos argumentaram em favor do envio de um comboio militar para forçar a passagem até a cidade. É difícil acreditar que tal ação não tivesse provocado uma guerra, e os Estados Unidos, agindo de acordo com um novo tratado, transferiram uma frota de bombardeiros B-29 para os aeroportos britânicos, indicio da seriedade com que viam a questão.

Nessas circunstâncias, até mesmo os senadores isolacionistas puderam ser convencidos a apoiar propostas para a criação do que seria a Organização do Tratado do Atlântico Norte, a OTAN, com a participação plena dos Estados Unidos — sendo, na verdade, o seu principal propósito estratégico o fornecimento de ajuda americana aos Estados europeus na hipótese de uma agressão russa. Em seus primeiros anos, a OTAN refletiu mais as preocupações políticas do que cálculos militares exatos, simbolizando, como simbolizava, a histórica transformação das tradições diplomáticas americanas, ao substituir a Grã-Bretanha como a principal potência ocidental "marginal", dedicada à manutenção do equilíbrio europeu. Na opinião dos governos americano e

CONSELHO CRUCIAL
CONF. POTSDAM
ALE UNIFICADA &
PODER VETO

GEIR LUNDESTAD
"AN EMPIRE BY
INVITATION"
JOURNAL OF
PEACE RESEARCH,
1986

PLANO
MARSHALL

COMECON

INTEGRAÇÃO
MILITAR
EUR. ORIENTAL

[An Empire by Invitation]

britânico, a principal tarefa tinha sido levar os Estados Unidos e Canadá a subscreverem o Pacto de Bruxelas, e estender a promessa de apoio mútuo a países como Noruega e Itália, que também se sentiam inseguros. No dia da assinatura do tratado da OTAN, na verdade, o Exército dos Estados Unidos tinha apenas 100 mil soldados na Europa (em comparação com os 3 milhões em 1945), e havia apenas 12 divisões — sete francesas, duas inglesas, duas americanas e uma belga — prontas para resistir a um avanço soviético pelo oeste. Embora as forças russas nesse período estivessem longe de ser tão grandes ou capazes quanto pretendiam as vozes alarmistas no Ocidente, o desequilíbrio nos totais de efetivos de cada bloco era intranquilizador. Pouco depois, esses temores foram aumentados pela suposição de que os comunistas poderiam varrer a planície do norte da Alemanha tão rapidamente quanto tinham atravessado o Yalu na Guerra da Coreia. Isso significava que embora a estratégia da OTAN se baseasse cada vez mais na "retaliação maciça" dos bombardeiros americanos de longo alcance para responder à invasão soviética, havia um compromisso de organizar também forças armadas convencionais. Isso teve, por sua vez, o efeito de ligar todas as três potências "marginais" — os Estados Unidos, o Canadá, e a Grã-Bretanha — a obrigações militares permanentes no continente europeu, em proporções que teriam espantado seus respectivos planejadores estratégicos na década de 1930.¹⁰³

A aliança da OTAN fez militarmente o que o Plano Marshall tinha feito economicamente: aprofundou a divisão da Europa em dois campos, ocorrida em 1945, tendo fora deles apenas os países tradicionalmente neutros (Suíça, Suécia), a Espanha de Franco, e certos casos especiais (Finlândia, Áustria, Iugoslávia). Ela teria como resposta, no devido tempo, o Pacto de Varsóvia, dominado pelos soviéticos. Esse aprofundamento da divisão, por sua vez, tornou ainda mais remotas as perspectivas de reunificação da Alemanha. Apesar das preocupações francesas, as forças armadas da Alemanha Ocidental começaram a crescer dentro da estrutura da OTAN em fins da década de 1950 — o que era bastante lógico, se o Ocidente queria realmente diminuir a distância em total de efetivos.¹⁰⁴ Isso, porém, levou inevitavelmente a U.R.S.S. a promover o exército da Alemanha Oriental, embora sob controles especiais. Estando cada um dos estados alemães integrado em sua respectiva aliança militar, tornou-se inevitável que ambos os blocos vissem com alarme e desconfiança qualquer tentativa alemã futura de tornar-se neutra, como sendo um golpe contra à sua própria segurança. No caso da Rússia, isso se reforçava, mesmo depois da morte de Stalin em 1953, pela convicção de ser impossível permitir que qualquer país que se tivesse tornado comunista abandonasse aquele credo (a "Doutrina Brejnev", para usarmos um linguajar posterior). Em outubro de 1953, o Conselho de Segurança da ONU admitiu, reservadamente, que os satélites da Europa oriental "só podiam ser libertados pela guerra geral, ou pelos próprios russos". Como Bartlett observa, de maneira um tanto obscura, "nenhuma das duas hipóteses era possível".¹⁰⁵ Em 1953, um levante na Alemanha Oriental foi rapidamente sufocado. Em 1956, alarmada com a decisão húngara de deixar o Pacto de Varsóvia, a Rússia mandou de volta para lá as suas divisões e acabou com a sua independência. Em 1961, num reconhecimento da derrota, Krushev ordenou a construção do Muro de Berlim, para conter o fluxo de talentos para o Ocidente. Em 1968 os tchecos

INCULCOS MILITARES ERMANENTE NA - EUROPA - OTAN PROFUNDA DIVISÃO EUROPA -

EXPRESSÃO URSS E. ORIENT. PROFUNDA TAMBÉM DIVISÃO

soferam a mesma sorte que os húngaros tiveram 12 anos antes, embora o derramamento de sangue fosse menor. Todas essas medidas, tomadas por uma liderança soviética incapaz (apesar de sua propaganda oficial) de fazer frente à atração do Ocidente, fosse ideológica ou econômica, simplesmente acentuaram ainda mais a divisão entre os dois blocos.¹⁰⁶

A segunda característica mais importante da Guerra Fria, a sua constante escalada lateral, passando da própria Europa para o resto do mundo, não tem nada de surpreendente. Durante grande parte da guerra, houve uma concentração quase que exclusiva dos russos no enfrentamento da ameaça alemã; isso, porém, não significava que Moscou tivesse abandonado seu interesse político pelo futuro da Turquia, Pérsia e Extremo Oriente — como se tornou claro em agosto de 1945. Era, portanto, muito improvável que os desentendimentos entre a Rússia e o Ocidente sobre as questões europeias se limitassem geograficamente àquele continente, em especial porque os princípios em disputa eram de aplicação universal — autogoverno contra segurança nacional, liberalismo econômico contra planejamento socialista, e assim por diante. E o que é ainda mais importante, a guerra tinha causado uma imensa turbulência social e política, dos Bálcãs às Índias, e até mesmo nos países não diretamente ocupados por exércitos invasores (por exemplo, a Índia ou o Egito), a mobilização de homens, recursos e idéias levou a modificações profundas. As ordens tradicionais foram derrubadas, os regimes coloniais foram desacreditados, floresceram os partidos nacionalistas ilegais, e surgiram movimentos de resistência, empenhados não só na vitória militar, mas também na transformação política.¹⁰⁷ Havia, em outras palavras, uma enorme agitação política na situação mundial de 1945, que podia constituir uma ameaça às grandes potências, ansiosas de restabelecer, o mais depressa possível, a estabilidade de tempos de paz. Mas isso também podia constituir uma oportunidade para que as superpotências, imbuídas de suas doutrinas universais, procurassem conquistar apoio entre o grande número de povos que emergiam das ruínas da velha ordem destruída. Durante a guerra, os Aliados tinham prestado ajuda a todo tipo de movimentos de resistência que esperassem uma continuação dessa ajuda, depois de 1945, mesmo estando empenhados em disputar o poder com pretendentes rivais. O fato de que alguns desses grupos de resistentes eram comunistas, e outros violentamente anticomunistas, tornou mais difícil do que nunca, a Moscou e Washington, separar essas querelas regionais de suas preocupações globais. A Grécia e a Iugoslávia já tinham demonstrado como uma disputa local interna podia adquirir rapidamente uma significação internacional.

A primeira dessas disputas extra-europeias entre a Rússia e o Ocidente foi principalmente um legado desses arranjos *ad hoc* de tempo de guerra: em 1941-1943 o Irã tinha sido colocado sob uma proteção militar tripartite, para mantê-lo no campo aliado, e também para que nenhum dos Aliados adquirisse influência econômica indevida sobre o regime de Teerã.¹⁰⁸ Quando Moscou não retirou sua guarnição em princípios de 1946, e em lugar disso parecia estar estimulando os movimentos separatistas, pró-comunistas, no norte, as tradicionais objeções britânicas a uma devida influência russa naquela parte do mundo aumentaram, e foram logo eclipsadas pelos vigorosos protestos do

INSTABILIDADE GLOBAL, SOBRE TUDO MOVIMENTOS INDEPENDENTES COLONIAIS

1ª DISPUTA EXTRA EUROPEIA

2

2 GUERRA FRIA

governo Truman. A retirada das tropas russas, seguida logo pela supressão, pelo exército iraniano, dos movimentos nas províncias do norte e do próprio partido Tudeh (comunista), deu ampla satisfação a Washington, confirmando a convicção de Truman sobre a eficácia de uma "linguagem dura" com os soviéticos. Esse caso demonstrou, nas palavras de Ullam, "o significado da contenção, antes mesmo que essa doutrina fosse formulada",¹⁰⁹ e preparou Washington psicologicamente para reagir da mesma maneira às notícias de atividades russas em outros lugares. Assim, a continuação da guerra civil na Grécia, a pressão de Moscou sobre os turcos, para obter concessões nos Estreitos e na região fronteiriça de Kars, e a declaração de 1947 do governo britânico, de que já não podia manter suas garantias àquelas duas nações, provocaram uma reação pública americana (com a "Doutrina Truman") que já existia de forma embrionária. Já em abril de 1946 o Departamento de Estado insistia na necessidade de apoiar "o Reino Unido e as comunicações da Comunidade Britânica".¹¹⁰ A crescente aceitação dessas opiniões, e a maneira pela qual Washington estava começando a relacionar as várias crises ao longo da "faixa norte" dos países que bloqueavam a expansão russa no Mediterrâneo oriental e Oriente Médio, indicam com que rapidez as linhas idealistas da política externa americana se estavam combinando, ou sendo totalmente substituídas, pelo cálculo geopolítico.

Foi com essa percepção do avanço global do comunismo que as potências ocidentais também viram as modificações que ocorriam no Extremo Oriente. No caso dos holandeses, que seriam logo expulsos das suas "Índias Orientais" pelo movimento nacionalista de Sukarno, de bases amplas, ou dos franceses, envolvidos rapidamente numa luta armada com o Vietnã de Ho Chi Minh, ou os ingleses, empenhados desde logo na guerra contra a sublevação na Malásia, sua reação como velhas potências coloniais poderia ter sido a mesma, mesmo que não houvesse comunistas a leste de Suez.¹¹¹ (Por outro lado, em fins da década de 1940 era útil, para conquistar as simpatias de Washington, e no caso da França também a ajuda militar, dizer que os rebeldes eram dirigidos por Moscou). Mas para os Estados Unidos o choque da "perda" da China foi muito mais sério do que esses desafios mais ao sul. Desde a época das iniciativas missionárias americanas, a partir do século XIX, um grande volume de capital cultural e psicológico (e, em proporções muito menores, financeiro) tinha sido investido pelos Estados Unidos naquele grande e populoso país, fato esse que foi muito exagerado pela cobertura jornalística do governo de Chiang Kai-shek, durante a guerra. Os Estados Unidos achavam que tinham uma "missão" — num sentido mais do que religioso — na China.¹¹² Embora os profissionais no Departamento de Estado e os militares estivessem cada vez mais conscientes da corrupção e ineficiência do Kuomintang, esse conhecimento não era partilhado, de maneira geral, pela opinião pública, especialmente entre a direita republicana, que em fins da década de 1940 estava começando a ver a política mundial em termos rigidamente preto-e-brancos.

A turbulência e as incertezas políticas que existiram durante todo o Oriente naqueles anos criaram repetidos dilemas para Washington. De um lado, a república americana não podia ser vista como a aliada de corruptos regimes do Terceiro Mundo, ou de impérios coloniais decadentes. Do outro,

URSS RECUSOU EM AFÉAS NRO-FUNDAMENTAIS

* CRUCIAL: MUDANÇA NO JAPÃO TRATADO PAZ SET. 1951

DE NOVO: EUA IDEALISTAS?

ela não queria que as "forças da revolução" se espalhassem mais, já que (dizia-se) isso ampliaria a influência de Moscou. Era relativamente fácil estimular os ingleses a se retirarem da Índia em 1947, pois isso envolvia simplesmente uma transferência para um regime parlamentar democrático, sob Nehru. Também era fácil pressionar os holandeses a deixar a Indonésia em 1949, embora Washington ainda se preocupasse com o crescimento da revolta comunista ali — e ainda nas Filipinas (independentes em 1946). Mas em todos os outros lugares, a "hesitação" era mais evidente. Em lugar de continuar com as idéias anteriores de uma transformação social completa, e a desmilitarização da sociedade japonesa, por exemplo, Washington passou a pensar em reconstruir a economia japonesa através de firmas gigantes (zaibatsu) e até mesmo em estimular a criação de forças armadas japonesas — em parte para diminuir o ônus econômico e militar para os Estados Unidos, e em parte para tornar o Japão um baluarte anticomunista na Ásia.¹¹³

Esse endurecimento da posição de Washington em 1950 foi consequência de dois fatores. O primeiro foram os crescentes ataques às políticas de "contenção" mais flexíveis de Truman e Acheson, não só pelos críticos republicanos e pelo "caçador de bruxas vermelhas" Joe McCarthy, então em ascensão rápida, mas também pelos "duros" dentro do próprio governo, como Louis Johnson, John Foster Dulles, Dean Rusk e Paul Nitze — forçando Truman a agir com mais firmeza a fim de proteger seu flanco político interno. O segundo fator foi o ataque da Coreia do Norte através do Paralelo 38, em junho de 1950, imediatamente interpretado pelos Estados Unidos como parte de um plano geral de agressões orquestrado por Moscou. Em conjunto, esses dois fatores deram preponderância às forças que, em Washington, desejavam uma política mais atuante, e até mesmo beligerante, para conter a deterioração. "Estamos perdendo a Ásia rapidamente", escreveu o influente jornalista Stewart Alsop, invocando a imagem conhecida do boliche de dez balizas. O Kremlin era o jogador de boliche, ambicioso e preciso.

A primeira baliza era a China. Já foi derrubada. As duas balizas da fileira seguinte são a Birmânia e a Indochina. Se caírem, as três da fileira seguinte, Sião, Malásia e Indonésia, quase que certamente cairão também. E se todo o resto da Ásia for derrubado, o magnetismo psicológico, político e econômico disso resultante quase que certamente arrastará as quatro balizas da quarta fileira, Índia, Paquistão, Japão e Filipinas.¹¹⁴

As consequências dessa mudança de disposição afetaram a política americana por todo o leste da Ásia. Sua manifestação mais evidente foi a rápida escalada do apoio militar à Coreia do Sul — um regime desagradável e repressor, que deve ser responsabilizado em parte pelo conflito, mas que na época foi visto como vítima inocente. O apoio aéreo e naval dado inicialmente pelos Estados Unidos foi logo reforçado por divisões do exército e dos fuzileiros, o que permitiu a MacArthur lançar seu impressionante contra-ataque (Inchon) até que o avanço, para o norte, das forças das Nações Unidas provocou, por sua vez, a intervenção da China, em outubro/novembro de 1950. Sem poder usar bombas atômicas, os americanos foram obrigados a uma campanha que lembrava a guerra de trincheiras de 1914-1918.¹¹⁵ Quando o

cessar-fogo foi alcançado; em junho de 1953, os Estados Unidos tinham gastos cerca de 50 bilhões de dólares para travar a guerra, mandando mais de 2 milhões de soldados para combater e perdido 54 mil deles. Embora tivesse contido a Coreia do Norte, os Estados Unidos também assumiram um substancial compromisso militar para com a Coreia do Sul, do qual seria difícil, se não impossível, afastar-se.

Essa luta também provocou modificações significativas na política americana em outros pontos da Ásia. Em 1949 muitos dos colaboradores do governo Truman tinham apoiado Chian Kai-shek a contragosto, vendo o governo de Taiwan com desprezo, e queriam seguir o exemplo britânico, reconhecendo o regime comunista de Mao. Um ano depois, porém, Taiwan estava sendo apoiada e protegida pela esquadra dos Estados Unidos, e a China era considerada como o grande inimigo, contra o qual (pelo menos no entender de MacArthur) seria necessário usar armas atômicas para conter suas agressões. Na Indonésia, tão importante pelas suas matérias-primas e abastecimento de alimentos, o novo governo recebeu ajuda para lutar contra os rebeldes comunistas; na Malásia, os ingleses seriam encorajados a fazer a mesma coisa; e na Indochina, embora ainda pressionando os franceses para estabelecer uma forma mais representativa de governo, os Estados Unidos estavam agora preparados para fornecer muitas armas e dinheiro para combater o Vietnã.¹¹⁶ Tendo perdido a convicção de que a tração moral e cultural da civilização americana bastava para impedir a difusão do comunismo, os Estados Unidos voltaram-se cada vez mais para garantias territoriais e militares, especialmente depois que Dulles assumiu o cargo de Secretário de Estado.¹¹⁷ Ainda em agosto de 1951 um tratado reafirmava os direitos dos Estados Unidos a bases aéreas e navais nas Filipinas e o compromisso americano de defender aquelas ilhas. Poucos dias depois, Washington assinava seu tratado tripartite de segurança com a Austrália e a Nova Zelândia. Uma semana mais tarde, o tratado de paz com o Japão era finalmente concluído, encerrando legalmente a guerra do Pacífico e restabelecendo a soberania plena do Estado japonês — mas no mesmo dia era firmado um pacto de segurança, pelo qual as forças americanas permaneciam tanto nas ilhas territoriais do Japão como em Okinawa. A política de Washington para com a China comunista continuava sendo de incessante hostilidade, e para com Taiwan de apoio cada vez maior, mesmo em pontos distantes e pouco importantes como Quemói e Matsu.

O terceiro elemento principal da Guerra Fria foi a corrida armamentista, sempre crescente, entre os dois blocos, juntamente com a criação de alianças militares de apoio. Em termos de dinheiro gasto, a tendência não foi sequer constante, como mostra o Quadro 37.

O enorme crescimento dos gastos americanos com a defesa, durante vários anos posteriores a 1950, refletiu claramente os custos da Guerra da Coreia e a convicção de Washington da necessidade de rearmar-se num mundo ameaçador. O declínio posterior a 1953 indica a tentativa de Eisenhower de controlar o "complexo industrial e militar" antes que ele causasse danos à sociedade e à economia; os aumentos de 1961-1962 refletem as crises do Muro de Berlim e dos mísseis urbanos; e o crescimento das despesas depois de 1965 mostravam os crescentes compromissos americanos no sudeste da

Quadro 37. Despesas das potências com a defesa, 1948-1970 ¹¹⁸
(bilhões de dólares)

Data	E.U.A.	U.R.S.S.	Alemanha Ocidental	França	Reino Unido	Itália	Japão	China
1948	10,9	13,1		0,9	3,4	0,4		
1949	13,5	13,4		1,2	3,1	0,5		2,0
1950	14,5	15,5		1,4	2,3	0,5		2,5
1951	33,3	20,1		2,1	3,2	0,7		3,0
1952	47,8	21,9		3,0	4,3	0,8		2,7
1953	49,6	25,5		3,4	4,5	0,7	0,3	2,5
1954	42,7	28,0		3,6	4,4	0,8	0,4	2,5
1955	40,5	29,5	1,7	2,9	4,3	0,8	0,4	2,5
1956	41,7	26,7	1,7	3,6	4,5	0,9	0,4	2,5
1957	44,5	27,6	2,1	3,6	4,3	0,9	0,4	6,2
1958	45,5	30,2	1,2	3,6	4,4	1,0	0,4	5,8
1959	46,6	34,4	2,6	3,6	4,4	1,0	0,4	6,6
1960	45,3	36,9	2,9	3,8	4,6	1,1	0,4	6,7
1961	47,8	43,6	3,1	4,1	4,7	1,2	0,4	7,9
1962	52,3	49,9	4,3	4,5	5,0	1,3	0,5	9,3
1963	52,2	54,7	4,9	4,6	5,2	1,6	0,4	10,6
1964	51,2	48,7	4,9	4,9	5,5	1,7	0,6	12,8
1965	51,8	62,3	5,0	5,1	5,8	1,9	0,8	13,7
1966	67,5	69,7	5,0	5,4	6,0	2,1	0,9	15,9
1967	75,4	80,9	5,3	5,8	6,3	2,2	1,0	16,3
1968	80,7	85,4	4,8	5,8	5,6	2,2	1,1	17,8
1969	81,4	89,8	5,3	5,7	5,4	2,2	1,3	20,2
1970	77,8	72,0	6,1	5,9	5,8	2,4	1,3	23,7

Ásia.¹¹⁹ Embora os números soviéticos sejam meras estimativas e a política de Moscou estivesse envolta em mistério, talvez seja justo deduzir que a intensificação registrada nas despesas da U.R.S.S. em 1950-1955 fosse causada pelas preocupações de que a guerra com o Ocidente provocasse ataques aéreos devastadores ao território russo, a menos que seu número de aviões e mísseis aumentasse consideravelmente. As reduções de 1955-1957 refletem, por sua vez, a diplomacia da *détente* adotada por Krushev, e seus esforços de liberar fundos para a produção de 1959-1960 revela o agravamento das relações com o Ocidente, a humilhação na crise de Cuba e a determinação de ser forte em todos os ramos das forças armadas.¹²⁰ A acumulação de armas mais modesta da China Comunista foi mais um reflexo de seu crescimento econômico do que de qualquer outra coisa, mas os aumentos com os gastos de defesa na década de 1960 sugerem que Pequim estivesse disposta a pagar o preço de seu rompimento com Moscou. Quanto aos Estados da Europa ocidental, os números no Quadro 37 mostram que a Grã-Bretanha e França aumentaram muito suas despesas com a defesa na época da Guerra da Coreia, e os gastos franceses continuaram aumentando até 1954 devido a seu envolvimento na Indochina. Mas a partir de então, essas duas potências, bem como Alemanha Ocidental, Itália e Japão permitiram apenas modestos aumentos (e ocasionais reduções) nos gastos com a defesa. Com exceção do crescimento da China —

e seus números também não são precisos — o padrão de gastos com armas nas décadas de 1950 e 1960 ainda dão a impressão de um mundo bipolar.

Mais significativo, talvez, do que os números em si é o caráter multifacetado e variado da corrida armamentista. Embora surpresos com a façanha russa de fabricar a sua própria bomba atômica em 1949, os Estados Unidos acreditavam-se capazes de infligir maior dano à U.R.S.S., no caso de uma guerra nuclear, do que o inverso. Por outro lado, como o fortemente ideológico NCS-68 (Memorando do Conselho de Segurança Nacional nº 68, de janeiro de 1950) disse, era imperativo "aumentar o mais rapidamente possível nossa força geral, no ar, em terra e no mar, e a de nossos aliados, até o ponto em que não dependamos tanto de armas atômicas."¹² Entre 1950 e 1953, na verdade, as forças terrestres americanas triplicaram de tamanho, e embora grande parte disso fosse consequência da convocação de reservistas para lutar na Coreia, também havia a determinação de transformar a OTAN, de uma série de obrigações militares gerais, numa aliança de forças de terra — para prevenir uma invasão soviética da Europa ocidental, considerada como provável pelos planejadores americanos e britânicos naquela época.¹³ Embora não houvesse qualquer perspectiva real de que fosse criado o fantástico total de 90 divisões aliadas, dentro das linhas do Acordo de Lisboa de 1952, houve ainda assim um aumento significativo nos compromissos militares na Europa — de uma para cinco divisões americanas em 1953, concordando a Grã-Bretanha em colocar quatro divisões na Alemanha, de modo que um equilíbrio razoável se havia estabelecido em meados da década de 1950, quando o exército da Alemanha Ocidental foi aumentado, para compensar as reduções feitas então por Londres e Paris. Além disso, houve aumentos enormes nos gastos aliados com suas forças aéreas, de modo que cerca de 5.200 aviões estavam à disposição da OTAN em 1953. Embora se saiba muito menos sobre o desenvolvimento do exército e da força aérea soviéticos naqueles anos, é claro que Zukov estava empenhado em significativa reorganização, depois da morte de Stalin — livrando-se da massa de soldados mal preparados, tornando as unidades muito mais poderosas, móveis e compactas, substituindo a artilharia por mísseis e, em suma, dando-lhes uma capacidade muito maior de ação ofensiva do que tinham em 1950-1951, quando o medo ocidental de um ataque era maior. Ao mesmo tempo, era claro que também a Rússia estava usando a maior parte desses aumentos orçamentários com o poderio aéreo defensivo e ofensivo.¹⁴

Uma segunda área da corrida armamentista Leste-Oeste, bastante nova, abriu-se no mar, também seguindo um padrão irregular. A Marinha dos Estados Unidos terminou a guerra do Pacífico coberta de glória, devido ao impressionante desempenho de suas forças-tarefas de porta-aviões leves e sua frota de submarinos. A Marinha Real inglesa também achava que tivera uma "boa guerra", travada de maneira muito mais decisiva do que o impasse da luta de 1914-1918 no mar.¹⁵ O aparecimento, porém, da bomba atômica (especialmente com as provas de Biquini contra vários tipos de navios de guerra) transportada por bombardeiros estratégicos de longo alcance, ou mísseis, parecia lançar uma dúvida sobre o futuro dos instrumentos tradicionais da guerra naval, e mesmo sobre o próprio porta-aviões. Na reformulação dos gastos com a defesa, depois de 1945, e a "racionalização" das diferentes forças

armadas num ministério unificado da defesa, as marinhas americana e britânica sofreram pressões fortes. Foram salvas, pelo menos até certo ponto, pela Guerra da Coreia, que viu, mais uma vez, desembarques anfíbios, ataques aéreos a partir de porta-aviões e a inteligente exploração do poderio marítimo ocidental. A Marinha dos Estados Unidos pôde também ingressar no clube nuclear com a criação de uma nova classe de gigantescos porta-aviões, com bombardeiros de ataque equipados de armas atômicas, e, em fins da década de 1950, com a construção planejada de submarinos de propulsão nuclear capazes de disparar mísseis balísticos de longo alcance. Os ingleses, menos capazes de custear os modernos porta-aviões, ainda assim conservaram transportes modificados de "comando" para as chamadas "guerras de escaramuças" e, como os franceses, também lutaram para criar uma força dissuasória baseada em submarinos. Se todas as marinhas ocidentais em 1965 dispunham de menos navios e homens do que em 1945, tinham uma capacidade ofensiva mais poderosa.¹⁶

O maior estímulo, porém, à continuação dos gastos com essas marinhas foi o desenvolvimento da esquadra soviética. Durante a Segunda Guerra Mundial a marinha russa realizou pouco, apesar de sua grande força de submarinos, e a maioria de seu pessoal lutou em terra (ou colaborou na travessia de rios pelo exército). Depois de 1945 Stalin permitiu a construção de muitos outros submarinos, baseados em projetos alemães superiores, provavelmente a serem usados com amplo papel defensivo pelo litoral; mas favoreceu também a criação de uma maior marinha de superfície, inclusive encouraçados e porta-aviões. Esse esquema ambicioso foi logo sustado por Krushev, que não viu utilidade em construir navios de guerra grandes e caros numa era de mísseis nucleares. Quanto a isso, suas opiniões eram idênticas às de muitos políticos e marechais-do-ar no Ocidente. O que provavelmente abalou essa suposição foram os repetidos exemplos do uso do poder marítimo de superfície pelos mais prováveis inimigos da Rússia — o ataque anglo-francês a Suez em 1956, a partir do mar; o desembarque de forças dos Estados Unidos no Líbano em 1958 (contendo com isso os sírios apoiados pelos russos) e especialmente o cordão sanitário que os navios de guerra americanos fizeram em volta de Cuba no tenso confronto da crise dos mísseis de 1962. A lição aprendida pelo Kremlin (por insistência do influente almirante Gorskikh) desses incidentes foi que enquanto não tivesse também uma marinha forte, a Rússia continuaria em desvantagem séria no jogo do poder mundial — conclusão fortalecida pela rápida adoção dos submarinos transportadores de foguetes Polaris, pelo Estados Unidos, em princípios da década de 1960. O resultado foi ao mesmo tempo uma expansão maciça em praticamente todas as classes de navios da Marinha Vermelha — cruzadores, destróieres, submarinos de todos os tipos, porta-aviões híbridos — e outra maciça expansão em sua colocação no exterior, desafiando o predomínio marítimo ocidental, digamos, no Mediterrâneo ou oceano Índico de uma maneira jamais tentada por Stalin.¹⁷

Essa forma de desafio poderia, porém, ser considerada em termos tradicionais, como se tornou claro pelas muitas comparações feitas pelos observadores entre o programa de expansão do almirante Gorskikh e o de Turpitz, quatro décadas antes; e mesmo que a União Soviética estivesse

empenhada numa nova "corrida naval", seriam necessárias décadas (ou mais) para que pudesse alcançar as forças-tarefas de porta-aviões, extremamente caras, da Marinha americana. O aspecto realmente revolucionário da corrida armamentista pós-1945 ocorria em outro setor, na esfera das armas atômicas e dos mísseis de grande alcance para transportá-las. Apesar das terríveis baixas causadas em Hiroxima e Nagasáqui, muitos ainda viam nas armas atômicas "apenas outra bomba", e não um marco na história da capacidade humana de destruição. Além disso, depois do fracasso, em 1946, do Plano Baruch para internacionalizar o desenvolvimento da energia atômica, havia o reconfortante pensamento de que os Estados Unidos tinham o monopólio nuclear e que os bombardeiros do Comando Aéreo Estratégico compensavam (e serviam de dissuasório) a grande superioridade soviética em forças de terra.¹⁷ Os Estados europeus ocidentais em particular admitiram que uma invasão militar russa seria respondida pelos bombardeiros americanos (e mais tarde, britânicos) com armas nucleares.

Inovações tecnológicas, e especialmente os avanços soviéticos, modificaram tudo isso. A explosão bem-sucedida de um engenho atômico pela Rússia, em 1949 (muito antes das previsões ocidentais) acabou com o monopólio americano. Mais alarmante ainda era a construção de bombardeiros russos de longo alcance, especialmente do tipo Bisão, que em meados de 1950 não só eram considerados capazes de alcançar os Estados Unidos, mas também serem tão numerosos (o que era um erro) a ponto de criar uma "vantagem em bombardeiros". Embora a controvérsia disso resultante criasse dificuldades em obter informações concretas sobre a capacidade russa e provocasse na Força Aérea Americana a tendência a exagerar,¹⁸ seriam necessários, na realidade, apenas alguns anos para que a era da invulnerabilidade dos E.U.A. terminasse. Em 1949, Washington tinha concordado com a produção de uma nova "super" bomba (a bomba-H), de capacidade destrutiva espantosamente maior. Isso parecia prometer novamente aos americanos uma vantagem decisiva, e de princípios a meados da década de 1950 viu-se nos espantosos discursos de Foster Dulles e nos planos da Força Aérea uma política de "retaliação maciça" contra a Rússia ou a China, na hipótese de uma nova guerra.¹⁹ Embora essa doutrina provocasse considerável constrangimento dentro do governo tanto de Truman como de Eisenhower — levando à acumulação de forças convencionais e de armas nucleares táticas (isto é, do "campo de batalha"), como alternativa ao Armageddon — o principal golpe contra essa estratégia veio do lado russo. Em 1953, a Rússia também experimentava uma bomba-H, apenas nove meses depois da primeira prova americana. Além disso, o governo soviético tinha dedicado recursos consideráveis à exploração da tecnologia alemã de guerra sobre foguetes. Em 1955 a U.R.S.S. estava produzindo, em massa, um míssil balístico de alcance médio (OSS-3); em 1957 tinha disparado um míssil balístico intercontinental com um alcance superior a 7.500 quilômetros usando o mesmo motor de foguete que lançou o Sputnik, o primeiro satélite artificial da Terra, em outubro do mesmo ano.

Surpresa com esses progressos russos, e pela implicação de que cidades e forças de bombardeio americanas eram vulneráveis a um súbito ataque soviético, Washington empenhou recursos maciços em seus próprios mísseis balísticos intercontinentais, a fim de eliminar o que foi, como era de prever,

chamado de "atraso dos mísseis".²⁰ Mas essa corrida armamentista nuclear não se limitou a esses sistemas. A partir de 1960 os dois lados também desenvolveram, rapidamente, a capacidade de lançar mísseis balísticos de submarinos; e àquela época toda uma variedade de armas nucleares de campo de batalha e foguetes de menor alcance tinha sido construída. Tudo isso foi acompanhado dos esforços intelectuais dos planejadores estratégicos e dos analistas civis, em seus "grupos de estudo" sobre como administrar as várias etapas da escalada do que era agora uma estratégia de "resposta flexível". Por mais claras que fossem as soluções propostas, nenhuma delas conseguiu fugir ao terrível problema de que seria difícil, talvez impossível, integrar armas nucleares às formas tradicionais de guerra convencional (percebeu-se logo, por exemplo, que as armas nucleares de campo de batalha destruiriam a maior parte da Alemanha). Se fossem lançadas bombas H de alta potência sobre o solo russo e americano, as baixas e a destruição mútuas não teriam precedentes. Aprisionadas pelo que Churchill chamou de equilíbrio mútuo de terror, e incapazes de desinvestir suas armas de destruição em massa, Washington e Moscou lançaram mais e mais recursos na tecnologia da guerra nuclear.²¹ E embora a Grã-Bretanha e França continuassem com bombas atômicas e seus próprios sistemas de lançá-las, na década de 1950, ainda assim parecia — por todas as contagens contemporâneas de aviões, mísseis e das próprias bombas — que também nesse campo só as superpotências tinham importância.

O elemento importante final nessa rivalidade foi a criação, tanto pela Rússia como pelo Ocidente, de alianças através do globo, e a competição para encontrar novos aliados — ou pelo menos para evitar que países do Terceiro Mundo se juntassem ao outro lado. Nos primeiros anos, essa atividade foi exercida predominantemente pelos americanos, partindo de sua posição vantajosa em 1945, do fato de que já tinham muitas tropas e bases aéreas no hemisfério ocidental e do fato igualmente importante de que tantos países se voltavam para Washington em busca de ajuda econômica e, por vezes, militar. Em contraste, a U.R.S.S. precisava desesperadamente de reconstruir-se, sua principal preocupação externa era a estabilização de suas próprias fronteiras em termos favoráveis a Moscou, e não tinha os instrumentos de poder econômicos nem militares para projetar-se muito longe. Apesar dos ganhos territoriais no Báltico, norte da Finlândia e Extremo Oriente, a Rússia ainda era, em termos relativos, uma superpotência sem mar. Além disso, parecia claro hoje que Stalin tinha do mundo exterior uma visão esmagadoramente cautelosa e desconfiada — do Ocidente, que, receava ele, não toleraria ganhos comunistas claros (por exemplo, a Grécia em 1947); e também de líderes comunistas, como Tito e Mao, que certamente não eram "líderes soviéticos".²² A criação do Cominform em 1947 e a vigorosa propaganda sobre o apoio aos revolucionários no exterior tinham ecos da década de 1930 (e ainda mais, da era de 1918-1921); mas na verdade Moscou parece ter evitado envolvimento estrangeiros nesse período.

Mas do ponto de vista de Washington, como dissemos acima, havia um plano de dominação comunista mundial em desenvolvimento, passo a passo, e era preciso "contê-lo". As garantias oferecidas à Grécia e à Turquia em 1947 foram os primeiros indícios dessa mudança de curso, e o tratado da OTAN de 1949 foi o seu exemplo mais espetacular. O aumento da participação de outros

CORRIDA
NUCLEAR

FIM
MONOPÓLIO
ATÔMICO
EUA

BOMBA H

MÍSSEIS
BALÍSTICOS
INTER
CONTINENTAIS

BERNARD BARUCH
UN AL. EX. COM.
(UNAEQ)

EXCLUSÃO TANTO
ESTADO PAZ
OUTO ESTADO
GUERRA

RESPOSTA
FLEXÍVEL
DARIA PT
INTEGRAR
ARMAS
NUCLEARES

4
ALIANÇAS
GLOBAIS

ILHAS NO ÁRTICO

países na OTAN na década de 1950 significou que os Estados Unidos estavam empenhados "na defesa da maioria da Europa e mesmo de partes do Oriente Próximo — de Spitzbergen ao Muro de Berlim e além, até as fronteiras asiáticas da Turquia." ¹³ Mas isso foi apenas o começo de um processo de extensão excessivo dos compromissos americanos. O Pacto do Rio e os acordos especiais com o Canadá significavam que eles se tornavam responsáveis pela defesa de todo o hemisfério ocidental. O tratado de ANZUS (Austrália, Nova Zelândia, Estados Unidos) criou obrigações no sudoeste do Pacífico. Os confrontos no leste da Ásia em princípios da década de 1950 levaram à assinatura de vários tratados bilaterais, pelos quais os Estados Unidos se comprometiam a ajudar países ao longo da "orla" — Japão, Coreia do Sul e Taiwan, bem como as Filipinas. Em 1954 tais tratados foram reforçados com a criação da OTASE (Organização do Tratado do Sudeste Asiático), pelo qual os Estados Unidos se associavam à Grã-Bretanha, França, Austrália, Nova Zelândia, Filipinas, Paquistão e Tailândia num compromisso de apoio mútuo para combater a agressão naquela vasta região. No Oriente Médio, os Estados Unidos foram o principal promotor de outro agrupamento regional, o Pacto de Bagdá, de 1955 (mais tarde, CENTO, Organização do Tratado Central de Defesa do Oriente Médio) no qual Grã-Bretanha, Turquia, Iraque, Irã e Paquistão uniam-se contra a subversão e o ataque. Em outros pontos do Oriente Médio, os Estados Unidos tinham firmado, ou viriam logo a firmar, acordos especiais com Israel, Arábia Saudita e Jordânia, seja em consequência dos fortes laços judaico-americanos, ou da "Doutrina Eisenhower" de 1957, que oferecia ajuda americana aos estados árabes. Em princípios de 1970 um observador notou que

os Estados Unidos tinham mais de um milhão de soldados em 30 países, eram membro de quatro alianças regionais de defesa e participantes ativos de uma quinta, tinham tratados de defesa mútua com 42 nações, eram membro de 53 organizações internacionais, e prestavam ajuda militar ou econômica a cerca de 100 nações em todo o globo. ¹³⁴

Era uma rede de compromissos que teria deixado nervosos Luís XIV ou Palmerston. Não obstante, num mundo que parecia diminuir rapidamente de tamanho e no qual todas as partes pareciam relacionar-se entre si, esses compromissos assumidos passo a passo tinham todos a sua lógica. Onde, num sistema bipolar, poderia Washington estabelecer os limites — em especial depois da alegação de que sua definição anterior de que a Coreia não era vital tinha constituído um convite ao ataque comunista no ano seguinte? ¹³⁵ "Este planeta tornou-se muito pequeno", argumentou Dean Rusk em maio de 1965: "Temos de ocupar-nos de todo ele — de todas as suas terras, águas, atmosfera, e com o espaço circundante." ¹³⁶

Se a projeção do poder e influência soviéticos no mundo eram muito menores, os anos posteriores à morte de Stalin, porém, viram avanços dignos de nota. É claro que Krushev desejava que a União Soviética fosse admirada, amada mesmo, e não temida; também queria desviar recursos do investimento militar para o agrícola e os bens de consumo. Suas idéias gerais sobre a política externa refletiam suas esperanças de um "degelo" na Guerra Fria. Contrariando

ALIANÇAS MILITARES EUA

AVANÇOS DA

URSS (KRUSCHEV)

AUTORES FALAM EM FASES DA GUERRA

FRIA (1945-55) 1945-55
(2º) 1955-79 (Crises e tentativas de detente)

INÍCIO DETENTE

PACTO DE VARSÓVIA

FIM

COMINFORM

MALOGRO DETENTE

KRUSCHOV

FOCO 3º

MUNDO /

ACORDO INT

ÍNDIA

EGITO

ORIENTE

MÉDIO

Molotov, ele retirou tropas soviéticas da Áustria; devolveu a base naval de Porkkala à Finlândia, e Port Arthur à China; e melhorou as relações com a Iugoslávia, argumentando que havia "caminhos diferentes para o socialismo" (posição tão preocupante para muitos dos seus colegas do Presídium quanto para Mao Tse-tung). Embora o ano de 1955 visse a criação formal do Pacto de Varsóvia, em resposta ao ingresso da Alemanha Ocidental na OTAN, Krushev desejava estabelecer relações diplomáticas com Bonn. Também estava ansioso para melhorar as relações com os Estados Unidos, embora a sua volubilidade e a desconfiança, já então crônica, com que Washington interpretava todas as iniciativas russas tornassem impossível uma *detente* real. Naquele mesmo ano, Krushev foi à Índia, Birmânia e Afeganistão. O Terceiro Mundo passaria, de agora em diante, a ser levado a sério pela União Soviética, exatamente quando um número cada vez maior de estados afro-asiáticos tornavam-se independentes. ¹³⁷

Muito pouco, nessa transformação, seria tão completo ou suave quanto o agitado Krushev teria desejado. Em abril de 1956 o instrumento de controle stalinista que era o Cominform foi dissolvido. Mas, embaraçosamente, dois meses depois o levante húngaro — um "caminho diferente" para longe do socialismo — teve de ser sufocado com uma energia staliniana. As disputas com a China multiplicaram-se e, como iremos ver adiante, produziram uma profunda cisão no mundo comunista. A *detente* naufragou nas pedras do incidente com o U-2 (1960), a crise do Muro de Berlim (1961) e em seguida o confronto com os Estados Unidos sobre os mísseis soviéticos em Cuba (1962). Nada disso, porém, podia fazer com que os russos recusassem de uma política mundial. O simples estabelecimento de relações diplomáticas com países novos e contato com seus representantes nas Nações Unidas tornou inevitável o crescimento dos laços soviéticos com o mundo exterior. Além disso Krushev, ansioso por demonstrar a superioridade inata do sistema soviético sobre o capitalismo, teria de buscar novos amigos no exterior; seus sucessores mais pragmáticos, depois de 1964, estavam interessados em romper o cordão sanitário que os americanos tinham colocado em volta da U.R.S.S.

e em conter a influência chinesa. Havia, além do mais, muitos países do Terceiro Mundo ansiosos por escapar do que chamavam de "neocolonialismo" e adotar uma economia planificada em lugar do *laissez-faire* — preferência que geralmente provocava a suspensão da ajuda ocidental. Tudo isso combinou-se para dar à política externa russa um claro "impulso para fora."

Esse impulso começou de maneira muito decisiva em dezembro de 1953, com a assinatura de um acordo comercial com a Índia (que quase coincidiu com a visita do vice-presidente Nixon a Nova Deli) seguindo-se em 1955 a oferta de construir a usina siderúrgica de Bilai, e ainda uma grande ajuda militar: era uma ligação com o mais importante dos países do Terceiro Mundo, e preocupou simultaneamente aos americanos e aos chineses, e castigou o Paquistão pela sua participação no Pacto de Bagdá. Quase que ao mesmo tempo, em 1955-1956, a U.R.S.S. e a Tchecoslováquia começaram a prestar ajuda ao Egito, substituindo Washington no financiamento da represa de Assuã. Empréstimos soviéticos também foram feitos ao Iraque, Afeganistão e Líbano do Norte. Estados acentuadamente antiimperialistas na África, como Gana, Mali e Guiné, também foram encorajados por Moscou. Em 1960, ocorreu

AM. LATINA

a grande penetração da América Latina, quando a Rússia assinou seu primeiro acordo comercial com a Cuba de Fidel Castro, e teve complicações com uns Estados Unidos irritados. Tudo isso fixou um padrão que não se modificou com a queda de Krushchev. Tendo promovido uma estridente campanha de propaganda contra o imperialismo, a U.R.S.S. muito naturalmente ofereceu "tratados de amizade", créditos comerciais, conselheiros militares e todo o resto a qualquer nação recém-descolonizada. A Rússia também podia beneficiar-se, no Oriente Médio, do apoio dos Estados Unidos a Israel (daí, por exemplo, a crescente ajuda de Moscou à Síria e ao Iraque, bem como ao Egito na década de 1960); também pôde grangear prestígio oferecendo ajuda militar e assistência econômica ao Vietnã do Norte; mesmo na distante América Latina podia proclamar seu apoio aos movimentos de libertação nacional. Nessa luta pela influência mundial, a U.R.S.S. se tinha afastado muito da cautela paranóica de Stalin.¹³⁸

Mas essa competição entre Washington e Moscou pela simpatia do resto do mundo, essa luta mútua para conquistar influência através de tratados, créditos e exportações de armas, significaria que um mundo bipolar tinha realmente surgido, com tudo o que havia de significativo nas questões internacional gravitando em torno de dois *Schuerpunkt*¹³⁹ opostos dos Estados Unidos e U.R.S.S.? Do ponto de vista de um Dulles ou de um Molotov, era assim realmente que o mundo estava ordenado. Não obstante, mesmo enquanto competiam através do globo, e em áreas desconhecidas de ambos em 1941, esses dois blocos encontravam uma tendência muito diferente. O Terceiro Mundo amadurecia exatamente naquele momento, e muitos de seus membros, tendo finalmente rompido os controles dos impérios europeus tradicionais, não desejavam tornar-se satélites de uma distante superpotência, mesmo que esta pudesse proporcionar ajuda econômica e militar.

O que acontecia, na verdade, era que uma grande tendência na política de poder do século XX, a ascensão das superpotências, estava começando a interagir com outra tendência mais nova — a fragmentação política do mundo. Na atmosfera social darwinista e imperialista que predominava em cerca de 1900, era fácil pensar que todo poder estava concentrado num número cada vez menor de capitais do mundo (ver acima, p. 192-93). Não obstante, a própria arrogância e ambição do imperialismo ocidental tinha em si as sementes de sua própria destruição; o nacionalismo exagerado de Cecil Rhodes, ou dos pan-eslavos, ou dos militares austro-húngaros, provocou reações entre os boêres, os poloneses, os sérvios, os finlandeses; as idéias de autodeterminação nacional, propagadas para justificar a unificação da Alemanha e Itália, ou a decisão aliada de 1914 de ajuda à Bélgica, propagavam-se incessantemente para leste e sul, para o Egito, a Índia, a Indochina. Como os impérios da Grã-Bretanha, França, Itália e Japão tinham triunfado sobre as potências centrais em 1918, e tinham contido as idéias de Wilson de uma nova ordem mundial em 1919, esses anseios de nacionalismo só foram estimulados seletivamente: era bom conceder a autodeterminação aos povos da Europa oriental, porque eram europeus e com isso considerados como "civilizados"; mas *não* era bom

* Centros de gravidade (N. do T.)

estender esses princípios ao Oriente Médio, África ou Ásia, onde as potências imperialistas estenderam seus territórios e reprimiam os movimentos de independência. O desmoronamento desses impérios no Extremo Oriente depois de 1941, a mobilização das economias e o recrutamento de mão-de-obra de outros territórios dependentes, durante a guerra, as influências ideológicas da Carta do Atlântico, e o declínio da Europa — tudo isso se combinou para liberar as forças da transformação no que, na década de 1950, foi chamado de Terceiro Mundo.¹³⁹

Mas ele era descrito como "terceiro" mundo precisamente porque insistia na sua distinção dos blocos dominados pelos americanos e pelos russos. Isso não queria dizer que os países reunidos na conferência original de Bandung, em abril de 1955, estivessem livres de quaisquer laços e obrigações com as superpotências — Turquia, China, Japão e as Filipinas, por exemplo, estavam entre os presentes à conferência, aos quais a expressão "não-alinhados" teria sido inadequada.¹⁴⁰ Por outro lado, todos eles pressionaram por uma maior descolonização, para que as Nações Unidas tratassem de outras questões que não as tensões da Guerra Fria, e por medidas para mudar um mundo que ainda era economicamente dominado pelos homens brancos. Quando ocorreu a segunda fase importante de descolonização, em fins da década de 1950 e princípios da década de 1960, aos membros originais do movimento do Terceiro Mundo pôde juntar-se grande número de novos membros, que amargavam as consequências de décadas (ou séculos) de domínio estrangeiro e enfrentavam a dura realidade de que a independência lhes deixara muitos problemas econômicos. Dado o grande aumento de seus números, eles podiam agora dominar a Assembleia Geral da ONU, formada originalmente por um grupo de 50 países (predominantemente europeus e latino-americanos), a ONU transformou-se aos poucos numa organização de bem mais de 100 estados, com muitos membros novos, afro-asiáticos. Isso não limitou as ações das potências maiores, membros permanentes do Conselho de Segurança e que tinham direito de veto — condições impostas por um cauteloso Stalin. Significou, porém, que se alguma das superpotências desejasse recorrer à "opinião mundial" (como fizeram os Estados Unidos, ao conseguir que a ONU ajudasse a Coreia do Sul em 1950), tinha de obter a concordância de uma entidade cujos membros não participavam das preocupações de Washington e Moscou. Principalmente por estarem as décadas de 1950 e 1960 dominadas pelas questões da descolonização e por crescentes apelos a um fim do "subdesenvolvimento", causas adotadas habilmente pela União Soviética, essa opinião do Terceiro Mundo teve uma tendência claramente antiocidental, desde a crise de Suez de 1956 até as questões posteriores do Vietnã, Oriente Médio, América Latina e África do Sul. Até mesmo nas reuniões de cúpula formais dos países não-alinhados, a ênfase recaía cada vez mais sobre o anticolonialismo; e os locais dessas reuniões (Belgrado em 1961; Cairo em 1964; Lusaka em 1970) simbolizavam esse distanciamento de questões centradas na Europa. A agenda da política mundial já não estava exclusivamente nas mãos das potências que dispunham do maior cabedal militar e econômico.¹⁴¹

RESOLUÇÃO
377:

UN 1965
PELA PAZ

NÃO-
ALINHAMENTO

Os mais destacados defensores iniciais do não-alinhamento — Tito, Nasser, Nehru — simbolizaram essa transformação. A Iugoslávia rompeu de maneira notável com Stalin (foi expulsa do Cominform já em 1948) e ainda

O QUE ERA
3º MUNDO?

[!]

MAS 3º
MUNDO
NÃO QUERIA
SER
IMPERIALIZADO
E NOVO

FRAGMENT.
POLÍTICA
GLOBO

assim manteve sua independência sem que ocorresse uma invasão russa. Foi uma política mantida com firmeza depois da morte de Stalin: não foi por acaso que a primeira reunião de cúpula dos não-alinhados realizou-se em Belgrado.¹⁴² Nasser tornou-se famoso em todo o mundo árabe depois de seu choque de 1956 com a Grã-Bretanha, França e Israel, foi um crítico violento do imperialismo ocidental e aceitou de boa vontade a ajuda soviética, mas não foi um fidei de Moscou — "tratou os comunistas egípcios com dureza e entre 1959 e 1961 foi lançada uma vigorosa campanha anti-soviética pelo rádio e pela imprensa".¹⁴³ O pan-arabismo, em especial o fundamentalismo muçulmano, não eram aliados naturais do materialismo ateu, mesmo que os intelectuais marxistas locais tentassem produzir uma fusão dos dois. Quanto à Índia, há muito a líder simbólica dos Estados "moderados" não-alinhados, a repetida infusão de ajuda econômica e militar soviética, que aumentou muito em consequência dos choques sino-indianos e paquistaneses-indianos, não impediu que Nehru criticasse atos russos em outros países e se mostrasse muito desconfiado do Partido Comunista da Índia. Sua condenação da política inglesa em Suez foi resultado de sua aversão a *todas* as intervenções de grandes potências no exterior.

O simples fato de estarem tantos estados novos entrando para a comunidade internacional, naqueles anos, e de estar a Rússia ansiosa para afastá-los do Ocidente, sem ter porém maior conhecimento das condições locais, também significou que seus "ganhos" diplomáticos foram frequentemente compensados por "perdas". O exemplo mais espetacular disso foi a própria China, que será examinada mais adiante; houve, porém, muitos outros. A mudança de regime no Iraque, em 1958, permitiu à Rússia posar de amiga daquele Estado árabe e oferecer-lhe empréstimos; quatro anos depois, um golpe Baathista levou à sangrenta supressão do Partido Comunista ali. A constante ajuda de Moscou à Índia irritou inevitavelmente o Paquistão; e era impossível agradar a um sem perder o outro. Na Birmânia, um começo promissor frustrou-se quando aquele país expulsou *todos* os estrangeiros. Na Indonésia, as coisas foram piores: depois de receber grande volume de ajuda da Rússia e do leste europeu, o governo Sukarno voltou-se de Moscou para Pequim, em 1963. Dois anos depois, o exército indonésio esmagou o Partido Comunista com grande ferocidade. Sékou Touré, na Guiné, mandou de volta o embaixador russo em 1961, por se ter envolvido com uma greve local, e durante a crise dos mísseis cubanos recusou-se a deixar que aviões soviéticos se reabastecessem no aeroporto que os russos tinham ampliado especialmente em Conacri.¹⁴⁴ O apoio da Rússia a Lumumba, na crise do Congo de 1960, solapou suas possibilidades, e o sucessor dele, Mobutu, fechou a embaixada soviética. O exemplo mais espetacular desse tipo de retrocesso — e um sério golpe para a influência soviética — ocorreu em 1972 quando Sadat mandou que 21 mil conselheiros soviéticos deixassem o Egito.

As relações entre o Terceiro Mundo e os "dois primeiros mundos" foram sempre, portanto, complexas e instáveis. Houve, na verdade, países que se mantiveram com persistência pró-russos (Cuba, Angola), e outros que foram fortemente pró-americanos (Taiwan, Israel), principalmente por se considerarem ameaçados pelos vizinhos. Houve outros que, seguindo o exemplo de Tito, buscaram sinceramente ser não-alinhados, ou que, embora inclinados-se para

determinado bloco que lhes oferecia ajuda, resistiram vigorosamente a qualquer dependência indevida. E, finalmente, houve as frequentes revoluções, guerras civis, mudanças de regimes e conflitos de fronteira do Terceiro Mundo que colheram Moscou e Washington de surpresa. Rivalidades locais em Chipre, Ogaden, ao longo da fronteira entre Índia e Paquistão, e em Kampuchea (Camboja) embaraçaram as superpotências, já que as duas partes conflitantes buscaram sua ajuda. Como outras grandes potências antes delas, tanto Rússia como Estados Unidos tiveram de enfrentar a dura realidade de que sua mensagem "universalista" não seria aceita automaticamente por outras sociedades e culturas.

- (Londres, 1981), cap. 26.
6. O melhor estudo é hoje, de longe, Murray. *Luftwaffe*, caps. 5-7; mas ver também N. Frankland. *The Bomber Offensive Against Germany* (Londres, 1965).
7. Citado em Ropp. *War in the Modern World*, p. 336.
8. *Ibid.*, p. 334. Para detalhes bem mais completos, ver Erickson. *Road to Stalingrad*, passim; idem. *The Road to Berlin: The German Defeat in the East 1942-1945* (Washington, D.C., 1968); Clark. *Barbarossa*, passim; e Seaton. *Russo-German War 1941-45*, passim.
9. Erickson. *Road to Stalingrad*, p. 272.
10. Dupuy. *Genius for War*, p. 343.
11. Clark. *Barbarossa*, caps. 17-18; Erickson. *Road to Berlin*, cap. 4.
12. Essas rivalidades são claramente ressaltadas em Clark. *Barbarossa*, passim; e são cobertas com mais detalhes em Milward. *Germany Economy at War*, espec. cap. 6; Speer. *Inside the Third Reich* (New York, ed. de 1982), pts. 2-3; Seaton. *German Army, 1933-45*, caps. 9-11; Hildebrand. *Third Reich*, p. 49 ss.
13. Kennedy. "Japanese Strategic Decisions, 1939-45", em *Strategy and Diplomacy*, p. 181-95; C.G. Reynolds. "Imperial Japan's Continental Strategy", U.S. Naval Institute Proceedings, vol. 109 (agosto de 1983), p. 65-71; Spector. *Eagle Against the Sun*, passim; e o excelente estudo de A. Coox. "The Effectiveness of the Japanese Military Establishment in World War II", em Millett e Murray (orgs.). *Military Effectiveness*, vol. 3.
14. Willmott. *Empires in the Balance*, p. 89.
15. R. Lewin. *The American Magic: Codes, Cyphers and the Defeat of Japan* (New York, 1982), é a melhor síntese.
16. Clark. *Barbarossa*, p. 228; Erickson. *Road to Stalingrad*, cap. 6. Sobre a produção soviética de guerra, ver Nove. *Economic History of the USSR*, cap. 10; Munting. *Economic Development of the USSR*, cap. 5; A. Milward. *War, Economy and Society 1939-1945* (Berkeley, Calif., 1979), p. 94 ss.
17. Ver Quadro 34, *infra*, e Overy. *Air War*, p. 49 ss.
18. Erickson. *Road to Berlin*, p. 447. Ver também os números em Liddell Hart (org.). *Red Army*, cap. 13.
19. Liddell Hart. *History of the Second World War*, p. 559.
20. Sobre essa tendência, ver obras como Dupuy. *Genius for War*, passim; M. Van Creveld. *Fighting Power: German and U.S. Army Performances 1939-1945* (Westport, Conn., 1982), passim; M. Hastings. *Overlord: D-Day and the Battle for Normandy* (Londres, 1984), p. 14, 370 e passim.
21. Ropp. *War in the Modern World*, p. 342. Para detalhes sobre o alongamento excessivo dos japoneses, ver Hayashi e Coox. *Kogun*. Mais geralmente, ver o argumento semelhante em A.J. Levine. "Was World War II a Near-Run Thing?" *Journal of Strategic Studies*, vol. 8, n° 1 (março de 1985), p. 38-63.
22. Números extraídos de Willmott. *Empires in the Balance*, p. 98.
23. Ropp. *War in the Modern World*, p. 328, citando de S.E. Morison. *History of United States Naval Operations*, vol. 10, *The Atlantic Battle Won* (Boston, 1956), p. 64. Para maiores detalhes, ver Roskill. *The War at Sea*, 3 vols. passim; Liddell Hart. *History of the Second World War*, cap. 24;

Estabilidade e mudança num mundo bipolar, 1943-1980

1. Citado em Spector. *Eagle Against the Sun*, p. 123.
2. Para um rápido sumário, ver Liddell Hart. *History of the Second World War*, p. 230-33; J. Neidpath. *The Singapore Naval Base and the Defense of Britain's Eastern Empire 1919-41* (Oxford, 1981), cap. 8; Barclay. *Empire Is Marching*, caps. 8-9.
3. Spector. *Eagle Against the Sun*, caps. 8-12; Liddell Hart. *History of the Second World War*, caps. 23 e 29.
4. Liddell Hart. *History of the Second World War*, caps. 20-22, e 25.
5. *Ibid.*, cap. 24; S.W. Roskill. *The War at Sea*, 3 vols. (Londres, 1954-1961); F.H. Hinsley et al. *British Intelligence in the Second World War*, vol. 2

- Potter (org.). *Sea Power*, cap. 24; Levine. "Was World War II a Near-Run Thing?", p. 46 ss.
24. Para comparações, ver Kennedy. *Rise and Fall of British Naval Mastery*, p. 309-10; Seaton. *German Army 1933-45*, p. 239 (Seaton inclui os canhões dotados de autopropulsão nos totais de tanques).
25. Overy. *Air War*, p. 150. Os números de Overy para a produção italiana na primeira metade da guerra são muito inferiores aos dados no Quadro XVIII de James J. Sadkovic. "Minerals, Weapons and Warfare: Italy's Failure in World War II", *Storia contemporanea* (a sair).
26. Overy. *Air War*, p. 150.
27. Murray. *Luftwaffe*, caps. 6-7.
28. Ver Quadros 30 e 32, *supra*.
29. Hillmann. "Comparative Strength of the Powers" em Toynebee (org.). *World in March 1939*, p. 439, 446; Wright. *Study of War*, p. 672. Ver também R.W. Goldsmith. "The Power of Victory: Munitions Output in World War II", *Military Affairs*, vol. 10 (Primavera 1946), p. 69-80.
30. Números de R. Wagenfuh. *Die deutsche Industrie im Kriege 1939-1945* (Berlim, 1963), p. 34, 87. Os números italianos são uma combinação minha, de estimativas e pressupostos baseados no tamanho da economia em relação às de outras potências. Para maiores comparações, ver F. Forstmeier e H.E. Volkman (orgs.). *Kriegswirtschaft und Rüstung 1939-1945* (Dusseldorf, 1977).
31. Milward. *German Economy at War*, p. 72 ss.; Wagenfuh. *Die deutsche Industrie im Kriege*, cap. 3; e para comparações mais gerais, Aldcroft. *European Economy 1914-1980*, p. 124 ss.
32. Spector. *Eagle Against the Sun*, cap. 23; L. Giovanetti e F. Freed. *The Decision to Drop the Bomb* (Londres, 1967), *passim*; H. Feis. *The Atomic Bomb and the End of the World War II* (Princeton, N.J., ed. 1966), *passim*; G. Alperowitz. *Atomic Diplomacy: Hiroshima and Potsdam* (Londres, 1966); M.J. Sherwin. *A World Destroyed: The Atomic Bomb and the Grand Alliance* (New York, 1975).
33. Citado em M. Matloff. *Strategic Planning for Coalition Warfare, 1943-1944* (Washington, D.C., 1959), p. 523-24.
34. DePorte. *Europe Between the Superpowers*, cap. 4.
35. W. Ashworth. *A Short History of the International Economy Since 1850* (Londres, 1975), p. 268. Ver também os números em Milward. *War, Economy and Society 1939-1945*, p. 63.
36. Rowland (org.). *Balance of Power or Hegemony*, p. 220.
37. Ashworth. *Short History of the International Economy Since 1850*, p. 268.
38. Além dos primeiros capítulos de L. Freedman. *The Evolution of Nuclear Strategy* (Londres, 1981), ver também D.A. Rosenberg. "The Origins of Overkill: Nuclear Weapons and American Strategy, 1945-1960", *The Nuclear Question: The United States and Nuclear Weapons 1946-1976* (New York, 1979).
39. Números extraídos de W.P. Mako. *U.S. Ground Forces and the Defense of Central Europe* (Washington, D.C. 1984), p. 8.
40. R. Steel. *Pax Americana* (New York, 1977), cap. 2. Para o paralelo com a Grã-Bretanha depois de 1815, ver *supra*, p. 150-57; e T. Smith. *The*

- Patterns of Imperialism: The United States, Great Britain and the Late-Industrializing World Since 1815* (Cambridge, 1981), p. 182 ss.
41. B. Balfour. *The Adversaries: America, Russia and the Open World, 1941-62* (Londres, 1981), p. 14.
42. G. Kolko. *The Politics of War 1943-1945* (New York, 1968), *passim*; Becker e Wells (orgs.). *Economics and World Power*, caps. 6-7; R. Keohane. "State Power and Industry Influence: American Foreign Oil Policy in the 1940s", *International Organization*, vol. 36 (Inverno 1982); A.E. Eckes. *The United States and the Global Struggle for Minerals* (Austin, Texas, 1979).
43. Balfour. *Adversaries*, p. 15.
44. Sobre o assunto ver R.N. Gardner. *Sterling-Dollar Diplomacy* (New York, 1969), *passim*.
45. A frase é usada em Steel. *Pax Americana*, p. 10.
46. Citado por R. Dallek. "The Postwar World: Made in the USA", em S.J. Ungar (org.). *Estrangement: America and the World* (New York, 1985), p. 32.
47. Citado em J.W. Spanier. *American Foreign Policy Since World War II* (Londres, ed. 1972), p. 26. Ver também R.A. Divine. *Second Chance: The Triumph of Internationalism in America During World War II* (New York, 1971), *passim*.
48. Thorne. *Issue of War*, p. 206. Ver também os trabalhos de M.P. Leffler. "The American Conception of National Security and the Beginnings of the Cold War, 1945-48", *American Historical Review*, vol. 89 (1984) p. 349-81; e seu trabalho para o Lehrman Institute, "Security and Containment Before Kennan: The Identification of American Interests at the End of World War II", *passim*.
49. Erickson. *Road to Berlin*, p. ix.
50. G. Hosking. *A History of the Soviet Union* (Londres, 1985), p. 296.
51. Nove. *Economic History of the USSR*, p. 285.
52. Ver os números em Munting. *Economic Development of the USSR*, p. 118.
53. McCauley. *Soviet Union Since 1917*, p. 138. Para maiores detalhes, ver Nove. *Economic History of the USSR*, p. 140-42.
54. McCauley. *Soviet Union Since 1917*, p. 140-42.
55. Para detalhes, ver M.A. Evangelista. "Stalin's Postwar Army Reappraised", *International Security*, vol. 7, n.º 3 (1982-83), p. 110-38.
56. Mackintosh. *Juggernaut: A History of the Soviet Armed Forces*, p. 272-73.
57. *Ibid.* Ver também os capítulos relevantes em Liddell Hart (org.). *The Red Army*, pt. 2. D. Holloway. *The Soviet Union and the Arms Race* (New Haven, Conn., 1983), p. 15 ss.; Mitchell. *History of Russia and Soviet Sea Power*, p. 469 ss.
58. Hosking. *History of the Soviet Union*, cap. 11, é o melhor, no caso. Ver também McCauley. *Soviet Union Since 1917*, cap. 5; Nove. *Economic History*, p. 266 ss.; Ullam. *Expansion and Coexistence*, p. 467 ss.
59. Spanier. *American Foreign Policy Since World War II*, p. 3; G. Chaliand e J.P. Rageau. *Strategic Atlas: A Comparative Geopolitics of the World Powers* (New York, 1985), p. 18 s.; J.L. Gladdis. *Strategies of Containment* (New York, 1982), p. 57 ss.; e os comentários em A.K. Henrikson. "America's Changing Place in the World: From 'Periphery' to 'Center'?", em J. Gottman (org.). *Center and Periphery* (Beverly Hills, Calif. 1980), p. 73-100.

60. Ullam. *Expansion and Coexistence*, p. 405.
61. Citado em H. Feis. *Churchill-Roosevelt-Stalin* (Princeton, N.J., 1967), p. 462.
62. Landes. *Unbound Prometheus*, p. 488, nota 1.
63. Allen. *Short Economic History of Modern Japan*, p. 187 ss., e os quadros relevantes no apêndice B.
64. Ricossa. "Italy 1920-1970", em Cipolla (org.). *Fontana Economic History of Europe*, vol. 6 pt. 1, p. 240.
65. *Ibid.*, p. 316.
66. Wright. *Ordeal of Total War*, p. 264.
67. Fohlen. "France 1920-1970", em Cipolla (org.). *Fontana Economic History of Europe*, vol. 6, pt. 1, p. 92-109.
68. *Ibid.*, p. 100.
69. A atitude de De Gaulle para com as potências anglo-saxônicas é muito bem exposta em F. Kersaudy. *Churchill and de Gaulle* (Londres, 1981), bem com nas *Mémoires de Guerre*, do próprio De Gaulle, 3 vols. (Paris, 1954-59). Sobre a política colonial francesa durante e depois da guerra, ver L. von Albertin. *Decolonization* (New York, 1971), p. 358; e — com comparações britânicas — Smith. *Pattern of Imperialism*, cap. 3.
70. Barnett. *Collapse of British Power*, p. 587-88; e, num tom semelhante, Porter. *Britain, Europe and the World 1850-1982*, p. 111 ss.
71. Citado em Kennedy. *Realities Behind Diplomacy*, p. 318, com maiores detalhes da posição econômica britânica. Ver também Hobsbawm. *Industry and Empire*, p. 356 ss; Barnett. *The Audit of War* (Londres, 1986), *passim*.
72. O melhor deles é K.O. Morgan. *Labour in Power 1945-1951* (Oxford, 1984), *passim*, e também apêndices 3-5. Mas ver também os capítulos relevantes em K. Harris. *Attlee* (Londres, 1982); e A. Bullock. *Ernest Bevin: Foreign Secretary* (Oxford, 1983). A política econômica é detalhada em A. Cairncross. *Years of Recovery: British Economic Policy 1945-51* (Londres, 1985), e resumido em D.H. Aldcroft. *The British Economy*, vol. 1 (Londres, 1986), cap. 8.
73. Ver especialmente H.M. Schaar. *Europe Leaves the Middle East 1936-1954* (Londres, 1972); W.R. Louis. *The British Empire in the Middle East, 1945-1951* (Oxford, 1984); e H. Rahman. "British Post-Second World War Military Planning for the Middle East", *Journal Studies of Strategic*, vol. 5, n° 4 (dezembro de 1982), p. 511-30, para detalhes sobre a maior importância da região. O valor econômico pós-1945 do império é resumido em Porter. *Lion's Share*, p. 319 ss.
74. Sobre essa cooperação, ver T.H. Anderson. *The United States, Great Britain and the Cold War, 1944-1947* (Columbia, Mo., 1981), para o intercâmbio inicial; J. Baylis. *Anglo-American Defense Relations 1939-1980* (Londres, 1981), para uma avaliação geral; e Bartlett. *Global Conflict*, p. 269 ss.
75. Ver detalhes em Bairoch. "Europe's Gross National Product, 1800-1975", p. 291-92.
76. Ver Bairoch. "International Industrialization Levels", p. 304, cf. p. 296.
77. Os números do PNB *per capita* para 1950 são extraídos de S.H. Cohn.
- Economic Development in the Soviet Union* (Lexington, Mass., 1970), Apêndice C, Quadro c-1. Para chegar aos números do PNB multiplicamos pelo tamanho da população dado em "The Correlates of War".
78. "Correlates of War."
79. Citações de Sherwin. *World Destroyed*, p. 314.
80. Sobre isso ver Freedman. *Evolution of Nuclear Strategy*, *passim*; e o estudo muito útil em A.L. Friedberg. "A History of U.S. Strategic Doctrine", 1945-1980", *Journal of Strategic Studies*, vol. 3, n° 3 (dezembro de 1983), p. 40 ss. Para alguns exemplos publicados antes sobre essas ponderações, ver B. Brody. *The Absolute Weapon* (New York, 1946); *idem*, *Strategy in the Nuclear Age* (Princeton, N.J., 1959); H. Kahn. *On Thermonuclear War* (Princeton, N.J. 1960); J. Slessor. *Strategy for the West* (Londres, 1954); P.M.S. Blackett. *Fear, War and the Bomb* (New York, 1948).
81. Holloway. *Soviet Union and the Arms Race*, cap. 2; J. Prados. *The Soviet Estimate: U.S. Intelligence Analysis and Russian Military Strength* (New York, 1982), p. 17 ss.; R.L. Garthoff. *Soviet Strategy in the Nuclear Age* (New York, 1988), *passim*; H.S. Dinerstein. *War and the Soviet Union* (Londres, ed. 1962), especialmente caps. 1-6.
82. Prados. *Soviet Estimate*, p. 17-18; Freedman. *Evolution of Nuclear Strategy*, cap. 5 e seg.; T.B. Larson. *Soviet-American Rivalry* (New York, 1978), p. 178 ss.
83. M. Growing. *Independence and Deterrence: Britain and Atomic Energy 1945-1952*, 2 vols. (Londres, 1974), vol. 1, p. 184. Ver também L. Freedman. *Britain and Nuclear Weapons* (Londres, 1980); A. Pierce. *Nuclear Politics: The British Experience with an Independent Strategic Nuclear Force, 1939-1970* (Londres, 1972); e J. Groom. *British Thinking About Nuclear Strategy*, (Londres, 1974).
84. Ver adiante, p. 382-83; e Freedman. *Evolution of Nuclear Strategy*, cap. 21; W. Kohl. *French Nuclear Diplomacy* (Princeton, N.J., 1971), *passim*, com maiores referências.
85. Dallek. *American Style of Foreign Policy*, p. 130.
86. *Ibid.*, p. 152.
87. Citado em Balfour. *Adversaries*, p. 71. Sobre as modificações na política e opinião americanas, ver também Anderson. *United States, Great Britain and the Cold War, 1944-1947*, caps. 6-7; J.L. Gaddis. *The United States and the Origins of the Cold War in the Near East* (Princeton, N.J., 1980), *passim*.
88. Dallek. *American Style of Foreign Policy*, p. 170.
89. Ullam. *Expansion and Coexistence*, p. 437.
90. G. Lichtheim. *Europe in the Twentieth Century*, Londres, 1972), p. 351.
91. Balfour. *Adversaries*, p. 8 ss.; e para maiores detalhes, ver L.E. Davis. *The Cold War Begins: Soviet-American Conflict over Eastern Europe* (Princeton, N.J., 1974); Feis. *Churchill-Roosevelt-Stalin*, *passim*; B. Doving. *The Myth of Liberation* (Baltimore, Md., 1973); A. Polonsky. *The Great Powers and the Polish Question 1941-1945* (Londres, 1976); V. Rothwell. *Britain and the Cold War 1941-47* (Londres, 1982), esp. cap. 3; R. Douglas. *From War to Cold War 1942-1948* (Londres, 1981), *passim*.

92. Ulam. *Expansion and Coexistence*, caps. 7-9; T. Wolfe. *Soviet Power and Europe, 1945-1970* (Baltimore, Md. 1970); M. McCauley (org.). *Communist Power in Europe, 1944-1949* (Londres, 1977); W. Taubman. *Stalin's American Policy. From Entente to Detente to Cold War* (New York, 1982), passim.
93. Nem é propósito dar uma bibliografia completa sobre a Guerra Fria. Balfour. *Adversaries*; Larson. *Soviet-American Rivalry*; Ulam. *Expansion and Coexistence*; e Bartlett. *Global Conflict*, caps. 10-11, oferecem todos, levantamentos com referência à bibliografia. Ver também nota 87 *supra*.
94. Balfour. *Adversaries*, p. 94; M. Balfour e J. Mair. *Four-Power Control in Germany and Austria 1945-1946* (Londres, 1956); Rothwell. *Britain and the Cold War*, cap. 6. Ver também a importante coleção de J. Foschpoth. (org.) *Kalter Krieg und Deutsche Frage* (Göttingen, 1985), esp. pt. 3.
95. Uma referência ao excelente exame de Gaddis. *Strategies of Containment*.
96. *Ibid.*, p. 30.
97. *Ibid.*, p. 31.
98. *Ibid.*, p. 30.
99. Anderson. *United States, Great Britain and the Cold War*, passim; Bullock Ernest Bevin: *Foreign Secretary*, esp. cap. 10; Kuniholm. *Origins of the Cold War in the Near East*, passim; Keylor. *Twentieth-Century World*, p. 270-71.
100. Além do livro de Ulam, ver também as referências na nota 92, *supra*; e M.D. Shulman. *Stalin's Foreign Policy Reappraised* (New York, 1969); M. Kaser. *Comcon* (Londres, 1967); J.K. Hoensch. *Sowjetische Osteuropapolitik 1945-1974* (Dusseldorf, 1977).
101. Ver referências em R. Poidevin. "Die Neuorientierung der französischen Deutschlandpolitik in 1948/49", em Foschpoth (org.). *Kalter Krieg und deutsche Frage*; J.W. Young. *Britain, France and the Unity of Europe, 1945-51* (Leicester, 1984), esp. cap. 5; Douglas. *From War to Cold War*, p. 167 ss.; e, sobre as ambivalências britânicas, ver S. Greenwood. "Return to Dunkirk: The Origins of the Anglo-French Treaty of March 1947", *Journal of Strategic Studies*, vol. 6, n° 4 (dezembro de 1983), p. 49-65.
102. Bullock. *Bevin*, p. 571 ss.; W.P. Davidson. *The Berlin Blockade* (Princeton, N.J., 1958); os capítulos relevantes em R. Morgan. *The United States and West Germany 1945-73* (Londres, 1974); J.H. Backer. *Winds of History: The German Years of Lucius DuBignon Clay* (New York, 1983), cap. 10; M. Bell. "Die Blockade Berlins-Konfrontation der Alliierten in Deutschland", em Foschpoth (org.). *Kalter Krieg und deutsche Frage*, p. 217 ss.
103. Evangelista. "Stalin's Postwar Army Reconsidered", passim; W. LaFolier. *America, Russia and the Cold War, 1945-1975* (New York, 1976), p. 83 ss.; Lord Ismay. *NATO - the First Five Years, 1949-1954* (Utrecht, 1954); Gaddis. *Strategies of Containment*, p. 72 ss.; A.K. Henrikson. "The Creation of the North Atlantic Alliance, 1948-1952", *Naval War College Review*, vol. 32, n° 3 (maio/junho de 1980), p. 4-39; L.S. Kaplan. *The United States and NATO: The Formative Years* (Lexington, KY., 1984), passim.
104. Sobre isso, ver A. Grosser. *West Germany from Defeat to Rearmament* (Londres, 1955); R. McGeehan. *The German Rearmament Question* (Urbana, Ill., 1971); D. Lerner e R. Aron. *France Defeats EDC* (New York,

- 1957); DePorte. *Europe Between the Superpowers*, p. 158 ss.; e T. Schwartz. "The Case of German Rearmament: Alliance Crisis in the 'Golden Age'", *Fletcher Forum* (Verão de 1984), p. 295-309.
105. Bartlett. *Global Conflict*, p. 312.
106. Ulam. *Expansion and Coexistence*, p. 544 ss.; D.J. Dallin. *Soviet Foreign Policy After Stalin* (Filadélfia, Pa., 1961); R.A. Remington. *The Warsaw Pact* (Cambridge, Mass., 1971).
107. Sobre o assunto, ver novamente Kolko. *Politics of War*, passim; e Thorne. *Issue of War*.
108. Kolko. *Politics of War*, p. 298 ss.; Kuniholm. *Origins of the Cold War in the Near East*, passim; Louis. *British Empire in the Middle East*, p. 53. ss.
109. Ulam. *Expansion and Coexistence*, p. 428; e ver também Anderson. *United States, Great Britain and the Cold War*, p. 103 ss.
110. Citado em Bartlett. *Global Conflict*, p. 261 (grifos meus); e ver novamente as obras de Anderson, Louis e Kuniholm acima.
111. Grims. *Decolonization*, p. 193 ss., é um bom sumário; também Kiernan. *European Empires from Conquest to Collapse*, p. 210 ss.; Holland. *European Decolonization 1918-1981*, p. 86 ss.
112. M. Heald e L.S. Kaplan. *Culture and Diplomacy: The American Experience* (Westport, Conn., 1977), caps. 5 e 8; P.A. Varg. *Missionaries, Chinese and Diplomats...1890-1952* (Princeton, N.J., 1952); A. Iriye. *Across the Pacific* (New York, 1967); e, mais especificamente, B.W. Tuchmann. *Stilwell and the American Experience in China* (New York, 1971); H. Feis. *The China Tangle* (Princeton, N.J., 1953), passim; N.B. Tucker. *Patterns in the Dust: Chinese-American Relations and the Recognition Controversy 1949-50* (New York, 1983).
113. M. Schaller. *The American Occupation of Japan: The Origins of the Cold War in Asia* (New York, 1985), que coloca a política dos E.U.A. para com o Japão num contexto muito mais amplo do Leste asiático e da Guerra Fria; e W.S. Borden. *The Pacific Alliance* (Madison, Wis., 1984), passim.
114. Citado em Schaller. *American Occupation of Japan*, p. 232; ver também Smith. *The Pattern of Imperialism*, p. 193-94. A política americana na região é bem examinada em W.W. Stueck. *The Road to Confrontation*, (Chapel Hill, N.C., 1981) R.M. Blum. *Drawing the Line: The Origin of American Containment Policy in East Asia* (New York, 1982); B. Cummings. *The Origins of the Korean War* (Princeton, N.J., 1981); N. Yonosuke e A. Iriye (orgs.). *The Origins of the Cold War in Asia* (New York, 1977). Ver também R. Dingman. "Strategic Planning and the Policy Process: American Plans for War in East Asia, 1945-50", *Naval War College Review*, vol. 32, n° 6 (1979), p. 4-21.
115. Há um relato sucinto da Guerra da Coreia em Millet e Maslowski. *For the Common Defense*, p. 484 ss.; e muitos detalhes mais em D. Rees. *Korea: The Limited War* (New York, 1966); F.H. Heller (org.). *The Korean War: A 25-Year Perspective* (Kansas, 1977); bem como as histórias oficiais dos Estados Unidos.
116. N.A. Graebner. *American as a World Power* (Wilmington, Del., 1984) cap. 7, "Global Containment: The Truman Years"; Tucker. *Patterns in the Dust*, passim; D. Borg e W. Heinrichs (orgs.). *Uncertain Years: Chi-*

- nese-American Relations 1947-50 (New York, 1980), passim; Schaller. *American Occupation of Japan*, caps. 11-15; E.M. Irving. *The First Indo-China War: French and American Policy 1945-1954* (Londres, 1975).
117. Sobre uma tendência mais rigorosa, ver Gaddis. *Strategies of Containment*, caps. 5-6. Ver também o ponderado trabalho de R. Jervis. "The Impact of the Korean War on the Cold War", *Journal of Conflict Resolution*, vol. 24, n° 4 (dezembro de 1980), p. 563-92.
118. "Correlates of War", dados impressos.
119. Ver também o gráfico em R.W. DeGrasse. *Military Expansion, Economic Decline* (Armonk, N.Y. 1983), p. 119.
120. Holloway. *Soviet Union and the Arms Race*, p. 43, 115 ss. É impossível, é claro, conseguir números fidedignos sobre os gastos soviéticos, e a parcela "explícita" dos gastos com a defesa do orçamento é demasiado baixa; ver F.D. Holzman. *Financial Checks on Soviet Defense Expenditures* (Lexington, Mass., 1975), passim.
121. Citado em Gaddis. *Strategies of Containment*, p. 100. Ver também F. Wells. "Sounding the Tocsin: NSC-68 and the Soviet Threat", *International Security*, Primavera de 1980, p. 159-69; Paul Y. Hammond. "NSC-68 Prologue to Rearmament", em W.R. Schilling et al. *Strategy, Politics and Defense Budgets* (New York, 1962), p. 267-378.
122. Ver Bartlett. *Global Conflict*, p. 303 ss.; e os detalhes sobre a acumulação de armas pela OTAN em Ismay. *NATO*, passim; T.P. Ireland. *Creating the Entangling Alliance* (Londres, 1981); e Kaplan. *United States and NATO* p. 143 ss.
123. Mackintosh. *Juggernaut*, p. 292 ss.; os vários ensaios em Liddel Hart (org.) *Red Army*, pt. 2; Wolfe. *Soviet Power and Europe*, passim; A. Lee. *The Soviet Air Force* (Londres, 1961); R. Kilmarx. *A History of Soviet Air Power* (Londres, 1962).
124. Reynolds. *Command of the Sea*, p. 530-43; Kennedy. *Rise and Fall of British Naval Mastery*, cap. 11.
125. Reynolds. *Command of the Sea*, p. 545; Hagan (org.) *In Peace and War: Interpretations of American Naval History 1775-1978*, caps. 15-16; Potter (org.) *Sea Power*, caps. 31-32; J. Woods (pseud.). "The Royal Navy Since World War II", *U.S. Naval Institute Proceedings*, vol. 108, n° 3 (março de 1982), p. 82 ss.
126. Mitchell. *History of Russian and Soviet Sea Power*, caps. 21-22 sobre acumulação pós-1945. Ver também N. Polmar. *Soviet Naval Developments 1982* (4ª edição, Annapolis, Md., 1981), p. 3-13; R.W. Herrick. *Soviet Naval Strategy* (Annapolis, Md., 1968); L.L. Wharton. "The Mediterranean Threat", *Survival*, n° 8 (agosto de 1980), p. 252-58; G. Jukes. "The Indian Ocean in Soviet Naval Policy" *Adelphi Papers*, n° 87 (maio de 1972). Muito importantes, quanto a isso, são as obras de M. McGwire. *Soviet Naval Developments* (New York, 1973), *Soviet Naval Policy* (New York, 1975), e *Soviet Naval Influence* (New York, 1977), resumidas em idem, "The Rationale for the Development of Soviet Seapower", in J. Bayle e G. Segal (orgs.). *Soviet Strategy* (Londres, 1981), p. 210 ss.
127. Sobre isso ver G. Herken. *The Winning Weapon: The Atomic Bomb in the Cold War 1945-1950* (New York, 1980), Freedman. *Evolution of Nu-*

- clear Strategy, p. 38 ss.; mas ver também H.R. Borowski. *A Hollow Threat: Strategic Air Power and Containment before Korea* (Westport, Conn., 1982). Para as implicações, M. Maldebaum. *The Nuclear Revolution: International Politics Before and After Hiroshima* (New York, 1981).
128. Prados. *Soviet Estimate*, cap. 3, é o melhor, no caso.
129. Gaddis. *Strategies of Containment*, caps. 4-5, dá o contexto geral. Ver também D.A. Rosenberg. "American Atomic Strategy and the Hydrogen Bomb Decision", *Journal of American History*, vol. 66 (junho de 1979), p. 62-87; idem, "A Smoking Radiating Ruin at the End of Tow Hours", *Documents on American Plans for Nuclear War with the Soviet Union, 1954-55, International Security*, vol. 6, n° 3 (Inverno de 1981-82), p. 3-38; Freedman. *Evolution of Nuclear Strategy*, cap. 6; Weigley. *The American Way of War*, cap. 17.
130. Prados. *Soviet Estimate*, caps. 5-8; também E. Bottomo. *The Missile Gap* (Rutherford, N.J., 1971), passim.
131. Freedman. *Evolution of Nuclear Strategy*, p. 175 ss.; Friedberg. "A History of the U.S. Strategic Doctrine, 1945 to 1980", p. 41 ss. Muito útil é também John Gaddis. "The Origins of Self-Deterrence: The United States and the Non-Use of Nuclear Weapons, 1945-1958" (ms.). Os pensadores estratégicos são examinados em G. Herken. *Councils of War* (New York, 1985) e F. Kaplan. *The Wizards of Armageddon* (New York, 1983).
132. R.V. Daniels. *Russia, The Roots of Confrontation* (Cambridge, Mass., 1985), p. 234. McCauley. *The Soviet Union Since 1917*, p. 155 ss.; Ullam. *Expansion and Coexistence*, caps. 9-10.
133. Steele. *Pax Americana*, p. 9; e com mais detalhes, R.E. Osgood. *NATO: The Entangling Alliance* (Chicago, Ill., 1962), passim; DePorte. *Europe Between the Superpowers*, p. 115; Kaplan. *United States and NATO*.
134. Steele. *Pax Americana*, p. 134. Ver também R. Aron. *The Imperial Republic* (Londres, 1975); D. Horowitz. *The Free World Colossus* (New York, 1971); Schulzinger. *American Diplomacy in the Twentieth Century*, caps. 11-12.
135. Kaylor. *Twentieth-Century World*, p. 375; J.L. Gaddis. "The Strategic Perspective: The Rise and Fall of the 'Defensive Permit' Concept", em Borg e Heinrichs (orgs.). *Uncertain Years*, p. 61-118; e — com algumas mudanças muito boas — Schaller. *The American Occupation of Japan*, p. 279 ss.
136. Citado em Woodruff. *America's Impact on the World*, p. 65.
137. Ullam. *Expansion and Coexistence*, p. 539 ss.; McCauley. *Soviet Union Since 1917*, p. 198 ss.; Daniels. *Russia: The Roots of Confrontation*, p. 333 ss.
138. A bibliografia sobre esse assunto é hoje esmagadora. Entre os estudos mais importantes estão G. Jukes. *The Soviet Union in Asia* (Berkeley, Calif. 1973); H.D. Cohn. *Soviet Policy Toward Black Africa* (New York, 1972); R.H. Donaldson. *Soviet Policy Toward India* (Cambridge, Mass., 1974); R. Kanet (org.). *The Soviet Union and the Developing Nations* (Baltimore, Md., 1974); E. Taborsky. *Communist Penetration of the Third World* (New York, 1963).
139. P. Lyon. "The Emergence of the Third World", em H. Bull e Watson (or-

- gs.). *The Expansion of International Society* (Oxford, 1984), p. 229 ss., bem como os outros ensaios na sec. 3; Barraclough. *Introduction to Contemporary History*, cap. 6; R. Emerson. *From Empire to Nation: The Rise to Self-Assertion of Asian and African Peoples* (Cambridge, Mass., 1962), passim.
140. Lyon. "Emergence of the Third World," em Bull e Watson (orgs.). *Expansion of International Society*, p. 229; idem, *Neutrality* (Leicester, 1963); G.H. Jansen. *Afro-Asian and Non-Alignment* (Londres, 1966).
141. Além das obras citadas na nota 139 acima, ver também L.S. Styavrianos. *Global Rift: The Third World Comes of Age* (New York, 1980); R.L. Rothstein. *The Weak in the World of the Strong: The Developing Countries in the International System* (New York, 1977); idem, *The Third World and U.S. Foreign Policy* (Boulder, Colo., 1981).
142. Balfour. *Adversaries*, p. 157 ss.; Ulam. *Expansion and Coexistence*, p. 461 ss.; D. Rusinov. *The Yugoslav Experiment, 1948-1974* (Londres, 1977); Lyon. "Emergence of the Third World", passim.
143. McCauley. *Soviet Union Since 1917*, p. 204. Mais geralmente, ver as referências na nota 138 acima; e R.C. Horn. *The Soviet Union and India: The Limits of Influence* (New York, 1981); R.H. Donaldson (org.). *The Soviet Union in the Third World: Successes and Failures* (Boulder, Colo., 1981); M.H. Haykal. *The Sphinx and the Commissar: The Rise and Fall of Soviet Influence in the Middle East* (Londres, 1978); K. Dawisha. *Soviet Foreign Policy Towards Egypt* (Londres, 1979), passim.
144. McCauley. *Soviet Union Since 1917*, p. 210; Donaldson (org.). *Soviet Union in the Third World: Successes and Failures*, passim; A Dawisha e K. Dawish (orgs.). *The Soviet Union in the Middle East* (New York, 1982).
145. "Correlates of War", dados mimeografados, mais confiáveis do que *Military Balance* (ver nota seguinte) com seus números para princípios da década de 1970.
146. *The Military Balance 1974-75* (Londres, 1974), p. 7, 10; cf. p. 19, 22.
147. H. Pense. *Atlas of Naval Warfare*, (Londres, 1977), p. 159.
148. *Military Balance 1974-75*, p. 75-77; sobre a China, p. 48-49.
149. Ver as referências na nota 126, acima.
150. Sobre as relações soviético-americanas na década de 1970, ver Keylor. *Twentieth-Century World*, p. 364, ss. 405 ss.; Schulzinger. *American Diplomacy in the Twentieth Century*, p. 299 ss.; S. Hoffman. *Primacy of World Order* (New York, 1978), passim; Lawson. *Soviet-American Rivalry*, passim; McCauley. *Soviet Union Since 1917*, p. 238 ss.; Daniels. *Russia: The Roots of Confrontation*, p. 321 ss., e a bibliografia completa a p. 394-96. Acima de tudo, temos agora R.L. Garthoff. *Détente and Confrontation: American-Soviet Relations from Nixon to Reagan* (Washington, D.C., 1985), com muitos detalhes.
151. Keylor. *Twentieth-Century World*, p. 371.
152. Sobre o que se segue, ver R.C. Thornton. *The Bear and the Dragon* (New York, 1972); R.C. North. *Moscow and the Chinese Communists* (Stanford, Calif., 1953); R.R. Simmons. *The Strained Alliance* (New York, 1975); G. Ginsburgs e C.F. Pinkele. *The Sino-Soviet Territorial Dispute, 1949-64* (New York, 1978); D. Floyd. *Mao Against Khrushchev* (New York, 1964);